

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

WANDERLEY ANTÔNIO TAVARES

RELAÇÃO ENTRE AS NECESSIDADES PSICOLÓGICAS BÁSICAS, A
REGULAÇÃO DA MOTIVAÇÃO DE JOVENS FUTEBOLISTAS E OS
MINUTOS JOGADOS EM PARTIDAS OFICIAIS NO FUTEBOL DE BASE

Juiz de Fora
2023

WANDERLEY ANTÔNIO TAVARES

RELAÇÃO ENTRE AS NECESSIDADES PSICOLÓGICAS BÁSICAS, A
REGULAÇÃO DA MOTIVAÇÃO DE JOVENS FUTEBOLISTAS E OS
MINUTOS JOGADOS EM PARTIDAS OFICIAIS NO FUTEBOL DE BASE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação Física. Área de concentração: Exercício e Esporte.

Orientador: Prof. Dr. Danilo Reis Coimbra

Juiz de Fora
2023

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Tavares, Wanderley Antônio.

Relação entre as Necessidades Psicológicas Básicas, a regulação da Motivação de jovens futebolistas e os Minutos Jogados em partidas oficiais no futebol de base. / Wanderley Antônio Tavares. -- 2023.

83 f. : il.

Orientador: Danilo Reis Coimbra

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Universidade Federal de Viçosa, Faculdade de Educação Física. Programa de Pós-Graduação em Educação Física, 2023.

1. Motivação Autodeterminada. 2. Futebol. 3. Atletas. I. Coimbra, Danilo Reis, orient. II. Título.

Wanderley Antônio Tavares

Relação entre as necessidades psicológicas básicas, a regulação da motivação de jovens futebolistas e os minutos jogados em partidas oficiais no futebol de base

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Física da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação Física. Área de concentração: Exercício e Esporte.

Aprovada em 14 de julho de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Danilo Reis Coimbra - Orientador
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. Renato Miranda
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. Whyllerton Mayron da Cruz
Centro Educacional Menino Jesus

Juiz de Fora, 07/06/2023.



Documento assinado eletronicamente por **Danilo Reis Coimbra, Professor(a)**, em 17/07/2023, às 09:31, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **WHYLLERTON MAYRON DA CRUZ, Usuário Externo**, em 17/07/2023, às 11:27, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Renato Miranda, Professor(a)**, em 19/07/2023, às 10:47, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no Portal do SEI-Uffj (www2.uffj.br/SEI) através do ícone Conferência de Documentos, informando o código verificador **1319281** e o código CRC **70A488BC**.

AGRADECIMENTOS

Escrever essa etapa da minha dissertação significa que estou cada vez mais perto de subir mais um degrau da minha vida acadêmica. Com enorme alegria olho para o passado e vejo que aquele menino oriundo de uma educação básica pública, vai quebrando barreiras e absorvendo conhecimentos que outras gerações familiares não conseguiram por falta de oportunidade, devido as necessidades circunstanciais de suas épocas. E é exatamente por isso que agradeço aos esforços de meus pais (Denise e Júlio), meus avós (Nilza, José e Marlene) e meus tios (Tânia, Vânia, Fernando e Jairo) que de alguma maneira me ajudaram e me deram suporte desde o meu ensino básico até os dias atuais. Sem o apoio de vocês nada disso seria possível.

Agradeço muito a minha companheira de vida Keylla, sem o seu apoio, incentivo, afeto, carinho e amor eu não teria chegado nessa etapa, uma vez que em todos os momentos de dúvidas e incertezas foi você quem mais me deu forças para ir em frente. Você é minha referência e me inspiro muito em você, meu grande amor.

Agradeço ao meu orientador Danilo, por toda calma, paciência e disponibilidade de sempre comigo. Por entender e apoiar o meu momento de vida ao dividir meus esforços entre o sonho acadêmico e o sonho profissional de infância. Sem sua orientação e dedicação nada disso seria possível.

Agradeço a todos aqueles que de alguma forma fizeram parte deste estudo.

Agradeço a todos os professores que fizeram parte da minha caminhada, desde os primeiros passos no maternal até o meu orientador Danilo. Profissão tão digna e importante e tantas vezes negligenciada em nosso país.

Agradeço a Universidade Federal de Juiz de Fora, na qual considero ser minha segunda casa. São tantos anos sendo meu suporte, me capacitando cada vez mais, que eu só tenho a agradecer. Loucos são aqueles que por um momento desacreditaram da ciência.

Agradeço ao futebol, na qual me apaixonei desde criança e hoje além de estudar e pesquisar é minha profissão “Nunca será apenas um jogo!”.

Por fim, agradeço a Deus por ter me guiado e me dado forças em toda essa caminhada. Sem sua proteção e sabedoria eu não conseguiria. Obrigado!

RESUMO

A motivação do jovem futebolista é considerada elemento fundamental em seu processo de formação esportiva. O presente estudo teve como objetivo investigar influência dos minutos jogados em partidas oficiais ao longo de uma competição do calendário de uma equipe de futebol de base nas necessidades psicológicas básicas e na regulação da motivação de jovens futebolistas. A população do estudo foi formada por 30 atletas, do sexo masculino, com idade média de 14,72 (\pm 1,55 anos), regularizados por suas equipes que participaram competição. A amostragem foi realizada por conveniência, e os participantes selecionados foram convidados a participar por meio de um link via *Google Forms*, após contato e autorização prévia dos gestores da equipe e dos treinadores. As variáveis foram coletadas por meio de questionários, após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Foram aplicados os Questionário Sociodemográfico e Esportivo, a Escala de Satisfação de Necessidades Básicas no Esporte (BNSS), a versão brasileira da *Sport Motivate Scale* (SMS-BR) e o Questionário de Avaliação da Intenção de Permanência ou Desistência no esporte. Estes instrumentos foram aplicados em três momentos distintos da temporada, antes da competição (Momento 1), durante a competição (Momento 2) e após a competição (Momento 3). A análise dos minutos jogados pelos jovens futebolistas foi registrada por meio das súmulas oficiais das partidas, onde foram extraídos os dados de número de jogos e tempo jogado por cada futebolista ao longo da competição. Eles foram agrupados em três grupos distintos, grupo dos jovens futebolistas que não jogaram nenhum minuto na competição ($n = 16$), grupo dos que jogaram menos de 25% do tempo total de minutos na competição ($n = 7$), e grupo dos que jogaram mais de 25% do tempo total de minutos na competição ($n = 7$). Os resultados evidenciaram que os jovens futebolistas que jogaram mais de 25% do tempo total de minutos tiveram maiores indicadores de competência, motivação intrínseca e motivação extrínseca em comparação aqueles que não jogaram ou jogaram menos de 25% do tempo total. Conclui-se que jovens futebolistas que jogam mais se apresentam mais competentes, mais motivados intrínseca e extrinsecamente em relação aos que não jogaram ou jogaram menos minutos.

Palavras-chave: Futebol; Motivação Autodeterminada; Atletas.

ABSTRACT

The motivation of young soccer players is considered a fundamental element in their sports training process. The present study aimed to investigate the influence of minutes played in official matches during a competition on the calendar of a youth soccer team on the basic psychological needs and on the regulation of motivation in young soccer players. The study population consisted of 30 male athletes, with an average age of 14.72 (\pm 1.55 years), regularized by their teams that participated in the competition. Sampling was carried out for convenience, and selected participants were invited to participate through a link via Google Forms, after contact and prior authorization from team managers and coaches. The variables were collected through questionnaires, after signing the Free and Informed Consent Form. The Sociodemographic and Sports Questionnaire, the Satisfaction of Basic Needs in Sport Scale (BNSS), the Brazilian version of the Sport Motivate Scale (SMS-BR) and the Assessment Questionnaire of Intention to Persist or Quit in Sport were applied. These instruments were applied in three different moments of the season, before the competition (Moment 1), during the competition (Moment 2) and after the competition (Moment 3). The analysis of the minutes played by the young soccer players was registered through the official summary of the matches, where the data of number of games and time played by each soccer player during the competition were extracted. They were grouped into three distinct groups, the group of young soccer players who did not play a single minute in the competition ($n = 16$), the group of those who played less than 25% of the total time of minutes in the competition ($n = 7$), and the group of those who played more than 25% of the total minutes in the competition ($n = 7$). The results showed that young soccer players who played more than 25% of the total time in minutes had higher indicators of competence, intrinsic motivation and extrinsic motivation compared to those who did not play or played less than 25% of the total time. It is concluded that young soccer players who play more are more competent, more intrinsically and extrinsically motivated compared to those who did not play or played less minutes.

Key-words: Soccer; Self-determined Motivation; Athletes

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Motivação para a prática esportiva como resultado de interação entre fatores pessoais e situacionais	27
Figura 2	Modelo de necessidade básica para o rendimento	28
Figura 3	Categorias básicas de atribuição	29
Figura 4	Determinantes da teoria das Metas de Performance.....	30
Figura 5	Teoria da Motivação para competência.....	31
Figura 6	Teoria da Autodeterminação.....	32
Figura 7	O Continuum de Autodeterminação.....	38

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Escolaridade dos jovens futebolistas.....	43
Tabela 2 - Treino, estudo e trabalho dos jovens futebolistas	44
Tabela 3 - Categoria, posição e titularidade dos jovens futebolistas	44
Tabela 4 - Nível de competição disputado pelos jovens futebolistas	45
Tabela 5 - Adoecimento, consumo de bebida alcoólica e histórico de lesão de jovens futebolistas.....	45
Tabela 6 – Intenção dos jovens futebolistas em parar de jogar ou parada efetiva do futebol por um tempo	46
Tabela 7 – Relacionamento dos jovens futebolistas com família, pais, equipe, amigos e treinador.....	47
Tabela 8 – Auto avaliação dos aspectos físico, técnico, mental e tático	48
Tabela 9 - Participação dos jovens futebolistas nos jogos oficiais	49
Tabela 10 - Porcentagem de tempo dos jovens futebolistas que participaram dos jogos.....	50
Tabela 11 - Necessidades Psicológicas Básicas de jovens futebolistas ao longo de uma competição oficial	50
Tabela 12 - Influência da minutagem de jogo nas Necessidades Psicológicas Básicas de jovens futebolistas ao longo de uma competição oficial.	52
Tabela 13 - – Regulação da motivação esportiva de jovens futebolistas ao longo do período competitivo.	53
Tabela 14 - Influência da minutagem de jogo na motivação autodeterminada de jovens futebolistas ao longo de uma competição oficial.....	55

LISTA DE SIGLAS

CBF	Confederação Brasileira de Futebol	12
TAD	Teoria da Autodeterminação.....	13
CFF	Certificado de Clube Formado.....	19
CFD	Contrato de Formação Desportiva.....	19
IAD	Índice de Autodeterminação	37
TCLE	Termo de Consentimento Livre e esclarecido	42
TA	Termo de Assentimento.....	42

SUMÁRIO

RESUMO.....	7
ABSTRACT	8
LISTA DE ILUSTRAÇÕES	9
LISTA DE TABELAS	10
LISTA DE SIGLAS	11
1. INTRODUÇÃO	10
2. REVISÃO DE LITERATURA	11
2.1 O futebol e seu contexto histórico	11
2.2 Características gerais do futebol	12
2.3 O processo de formação no futebol	13
2.4 O processo de formação no futebol brasileiro	16
2.5 Prática deliberada e a importância no processo de formação.....	20
2.6 Aspectos motivacionais no processo de formação.....	22
2.7 Motivação e futebol	23
2.7.1 Motivação no esporte	24
2.8 Motivação e Teoria da Autodeterminação.....	29
2.8.1 Teoria das Necessidades Psicológicas Básica.	30
2.8.2 Teoria da Integração dos Organismos.	31
2.8.3 O Continuum de Autodeterminação (The Self-Determination Continuum).	36
2.9 Teoria da Autodeterminação e tempo de jogo.....	37
3. OBJETIVO.....	39
3.1 OBJETIVO GERAL	39
3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	39
3.3 HIPÓTESE	39
4. MÉTODO.....	39

4.1 DELINEAMENTO	39
4.2 PARTICIPANTES	40
4.3 PROCEDIMENTOS	40
4.4 INSTRUMENTOS	41
4.4.1 Questionário Sociodemográfico e Esportivo de identificação do atleta: ..	41
4.4.2 Questionário Necessidades Psicológicas Básicas:	41
4.4.3 Questionário Regulação da Motivação:.....	41
4.4.4 Questionário de intenção de permanência ou desistência do futebol:	42
4.4.5 Minutos jogados:	42
4.5 ANÁLISE ESTÁTISTICA	42
5. RESULTADOS	43
6 DISCUSSÃO	57
6.1 Necessidades Psicológicas Básicas e minutos jogados	57
6.2 Motivação esportiva e minutos jogados	60
7 IMPLICAÇÕES PRÁTICAS	64
8 CONCLUSÃO.....	65
9 REFERÊNCIAS.....	67
ANEXOS	74

1. INTRODUÇÃO

O futebol é o esporte mais popular do planeta (VAN YPEREN; JONKER; VERBEEK, 2022). Sua eminente popularidade faz com que ele seja praticado por mais de 265 milhões de pessoas no mundo (WERNER et al., 2018). Fazendo parte do sonho de inúmeras crianças brasileiras que almejam um dia se tornarem atletas profissionais de futebol (ROCHA et al., 2011).

Por ser uma modalidade que ao longo dos anos vem evoluindo em todos os seus aspectos, e para que um jovem futebolista esteja em condições ideais e potencialize as suas chances de se profissionalizar, é essencial que seu preparo físico, técnico e tático esteja em ótimo nível, porém, o grande diferencial nesse processo de formação pode ser o seu estado psicológico, pois são relevantes para o desempenho esportivo, não apenas por sua influência direta, mas também como mediadora entre todas as dimensões do jogo (PUJALS; VIEIRA, 2002). Recentemente, na literatura científica, tem se intensificado a busca e identificação de fatores psicológicos que se relacionam na construção de um ambiente motivacional, visando a potencialização do desempenho do atleta (SMITH et al., 2016).

Dentre os fatores psicológicos determinantes que influenciam no rendimento esportivo no futebol, a motivação aparece de forma significativa, caracterizada como um processo ativo, intencional e dirigido a uma meta, dependendo da interação de fatores pessoais (intrínsecos) e ambientais (extrínsecos) (BORGES et al., 2015).

A teoria que melhor aborda a motivação intrínseca e extrínseca é a Teoria da Autodeterminação (TAD), que tem sido muito utilizada para compreender e explicar o comportamento esportivo dos atletas (PELLETIER; SARRAZIN, 2007). Essa abordagem propõe a motivação como um continuum caracterizado por níveis de autodeterminação, desde o menos autodeterminado (desmotivação e motivação extrínseca) ao mais autodeterminado (motivação intrínseca).

Em específico ao futebol, estudos têm correlacionado a motivação com diversas variáveis relacionadas ao jogo, como desempenho tático (BORGES et al., 2015), percepção de esforço (MONTEIRO et al., 2014), escolha de posição (RIBEIRO; VOSER, 2011), anos de prática (ANDRADE et al., 2006), até a

variáveis psicológicas como, coping (OLIVEIRA et al., 2016), burnout (CURRAN et al., 2011), coesão de grupo (FIORESE et al., 2018). Contudo, o estudo de Souza et al., (2018) foi a única evidência científica encontrada na literatura que faz relação entre motivação esportiva e alto e baixo tempo jogado em partidas de futebol, não sendo encontrado nenhum trabalho científico que tenha analisado de forma longitudinal essa relação.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 O futebol e seu contexto histórico

O futebol que conhecemos nos dias atuais se tornou um esporte consolidado mundialmente, com grande participação popular, alcançando quase todos os lugares do mundo. Em sua origem o futebol é resultado de um processo de evolução histórica de diferentes jogos com bola, praticados em épocas diferentes, em diversas culturas (JUNIOR, 2017). Segundo Scaglia (1999) o futebol tem sua origem na China há cerca de 5000 (A.C.) anos, praticado na época por jogadores da nobreza imperial, utilizando-se tanto as mãos quanto os pés, sendo também utilizados para treinamento militar.

Seguindo a linha do tempo existem registros históricos do futebol na Grécia antiga, por volta de 800 (A.C), mais precisamente na cidade de Esparta, em que o jogo era praticado nos treinamentos militares como principal atividade da cidade (JUNIOR, 2017). Ainda segundo o mesmo autor, o futebol que mais se assemelha ao praticado na era moderna do esporte, foi encontrado em Florença, na Itália, em 1529, conhecido popularmente como Cálcio, recebendo suas primeiras regras e sendo disputado anualmente.

Influenciados pelo aumento do interesse pelo esporte, e até então por uma desorganização de regras, em 1863, na Inglaterra, contando com clubes e escolas, após longo debate, foi realizado a unificação das regras, surgindo o uso obrigatórios dos pés, além da criação “The Football Association”, mudando de vez a história do esporte e assim dando início a era moderna do futebol (SCAGLIA, 1999).

Sua chegada ao Brasil ocorre no ano de 1894, por intermédio de Charles W. Müller, brasileiro de origem inglesa. Ao retornar da Inglaterra para onde teria ido com dez anos de idade para estudar, trouxe consigo uma bola de futebol, uniformes e chuteiras para então divulgá-lo entre os ingleses residentes em São Paulo (WILPERT, 2005).

De início a modalidade era praticada apenas pela elite, principalmente a paulistana e carioca, porém, durante as primeiras décadas do século XX o futebol populariza-se e as camadas sociais inferiores o adotam como forma de lazer, tanto praticando como assistindo aos jogos (FRANZINI, 2003).

Com o reconhecimento legal da profissão de jogador de futebol na década de 1930, a modalidade passou a ser vista como uma opção de trabalho que poderia proporcionar ascensão social e financeira a uma camada da população que, sem estudo, possuía poucas possibilidades de emprego e renda (MORAES; BASTOS; CARVALHO, 2016). De acordo com Damo (2007) com o aumento do interesse pelo futebol, conseqüentemente, aumentou-se as equipes, assim como a necessidade por novos jogadores, principalmente jovens dos grandes centros. Isso fez com que a formação de jogadores ganhasse importância no Brasil, principalmente a partir da década de 1970, quando a mesma passou a ser tratada como fundamental para garantir o surgimento de atletas talentosos e em quantidade suficiente para suprir o mercado e possibilitar a continuidade e expansão do futebol brasileiro (MASCARENHAS, 2014).

2.2 Características gerais do futebol

O futebol é um esporte complexo e dinâmico, com variabilidade de situações, confronto entre duas equipes, regras e espaço definidos, classificado como uma modalidade desportiva integrada ao quadro dos jogos desportivos coletivos (GARGANTA; GREHAIGNE, 2007).

O jogo é classificado como uma atividade intermitente e de alta intensidade, em que sua dinâmica coletiva é caracterizada por uma existência simultânea de ações de oposição e cooperação, que tem como objetivo em comum coordenar as ações dos jogadores que se relacionam ocasionando uma complexidade de acontecimentos com elevado grau de imprevisibilidade

(METZELER, 1987). Para Castelo (2000) a complexidade do jogo é percebida nas relações entre companheiros e adversários, nas balizas, nos contatos físicos, nas bolas lançadas em inúmeras direções e na relação social que determina situações e movimentações táticas.

O desempenho de um jogador de futebol durante uma partida ocorre por meio de uma interação de dimensões táticas, técnicas, físicas, psicológicas e sociais, podendo realizar aproximadamente 2.500 tomadas de decisão por jogo (TEOLDO; CARDOSO; MACHADO, 2021). Para Garganta e Grehaigne (2007) as competências dos jogadores e das equipes não se resume a aspectos pontuais, e sim, a grandes categorias de problemas, se tornando necessário compreender o jogo pela sua complexidade. Neste contexto, as ações que um jogador desenvolve ao longo do jogo, exigem comportamentos congruentes com uma determinada lógica de organização.

Entendendo a dinâmica relacional do jogo de futebol, torna-se fundamental considerar a coerência durante o processo de formação do jovem futebolista. Segundo Nascif (2022) o jovem futebolista necessita ser formado ao longo do tempo com conhecimentos aplicados a modalidade, necessitando que o treinador e os clubes de formação entendam as características e necessidades especificidades do jogo, adequando as características de crescimento, desenvolvimento e maturação dos atletas.

2.3 O processo de formação no futebol

No futebol, modalidade de elevado investimento, apreço cultural e visibilidade midiática, o processo de formação de jovens futebolistas tem recebido grande destaque, já que a formação de atletas de alto nível costuma promover inúmeros benefícios ao clube, tanto no âmbito financeiro quanto no competitivo, entretanto, quando se pensando em longo prazo, esse processo enfrenta conflitos, devido sua alta complexidade. Para Bettega et al., (2019) os responsáveis pelo processo de formação de jovens futebolista, necessitam propiciar ambientes de aprendizagem considerando a particularidade de cada processo formativo e o cenário do clube, para se alcançar um maior êxito nesse processo.

A formação do jovem futebolista ocorre predominantemente entre a infância e a adolescência, etapas caracterizadas por grandes mudanças na vida dos postulantes a se tornarem jogadores de futebol profissional, sendo feita de forma longa, minuciosamente planejada, com o objetivo de converter jovens talentos em profissionais (DAMO, 2007). Segundo Marques e Samulski (2009), este processo é extremamente conflituoso, e muitas vezes envolve uma série de obstáculos, como a separação da família e do seu meio social, a dificuldade de continuação dos estudos, e o alto grau de cobrança nos treinamentos e competições. Para Casarin e Streit (2011) esse é um fenômeno complexo, composto por diversas dimensões que interagem entre si constantemente objetivando o desenvolvimento do jovem atleta.

O processo de formação é o momento em que os clubes e os jovens destinam seus esforços na busca de formar ou de se formarem futebolistas de alto rendimento, esse período pode durar aproximadamente 10 anos e cinco mil horas de prática especializada, desde a iniciação até a especialização esportiva (MELO, 2010). A idade em que os jovens futebolistas iniciam o período de treinamentos e começam a participar de jogos e competições regular variam de acordo com a sua localidade, já a fase de especialização representa um dos elementos mais importantes para se ter sucesso na carreira esportiva, sendo uma fase continua na evolução do jovem futebolista, iniciando-se entre os 14 e 15 anos e se estendendo até a fase adulta (BARBANTI, 2005). Em estudo realizado por Ford et al., (2012) eles compararam futebolistas sub-16 pertencentes a diversos clubes de elites no mundo, em que estes em média iniciaram a modalidade em torno dos 5 anos de idade, acumulando aproximadamente 5.500 horas de prática do futebol somadas entre a infância e adolescência.

De maneira geral, as modalidades esportivas coletivas, em seus conteúdos de formação, podem ser abordadas de diversas maneiras (BAYER, 1986). É importante considerar que existem vários métodos que procuram alcançar seus objetivos, que surgiram em locais diferentes do planeta, em momentos históricos distintos, sustentados por matrizes teóricas que atendiam aos objetivos dos clubes, treinadores ou pesquisadores, para solucionar os problemas relacionados à formação dos jovens futebolistas (THIENGO, 2020).

Não existindo uma receita padronizada, cada clube acredita em um caminho, no entanto é essencial que esse caminho seja coerente com as ideias de quem forma os jovens futebolistas. A sistematização do processo de ensino e aprendizagem no futebol passou por uma constante evolução ao longo do tempo, entretanto, de maneira dominante, duas correntes se destacam: a mecanicista e a globalista (RODRIGUES, 2003).

Na teoria mecanicista a formação do jovem futebolista é centrada na aprendizagem e reprodução do gesto técnico, com a reprodução mecânica de gestos e ações específicos do futebol, predominando exercícios analíticos em situações estáveis e condutivas. Segundo Carravetta (2001) o jovem futebolista é trabalhado como se fosse uma máquina, considerado uma unidade divisível em partes que podem ser trabalhadas por áreas específicas. Para Garganta (1997) essa abordagem torna o jogo e a aprendizagem pouco criativo, com comportamentos estereotipados e problemas na compreensão do jogo, principalmente de ordem tática. Este modelo é um dos mais tradicionalmente utilizado pelos clubes.

Na teoria globalista a formação do jovem futebolista é pautada na relação da técnica integrada a organização coletiva da equipe, em que as ações técnicas são desenvolvidas com base nas ações táticas, de forma orientada e provocada, com maior participação da teoria. De acordo com Carravetta (2001) durante o processo de aprendizagem podem ocorrer dissociações entre elementos técnicos, táticos, físicos e psicológicos, porém a formação ampla é prioridade. Para Garganta (1997) as relações das partes são fundamentais para a compreensão do todo, facilitando o processo de aprendizagem.

Em estudo realizado por Rodrigues (2003) foram identificadas a existência de outras diversas correntes de treinamento espalhadas pelo mundo, cada uma com suas particularidades servindo de base para o treinamento da maioria das equipes dessas regiões. Em resumo, a tendência encontrada no leste europeu se caracterizava pela divisão do ciclo esportivo em períodos, estruturados para atingir picos de forma, com ênfase da valência física em detrimento das demais. Do norte europeu e da América do Norte acreditam haver uma interligação entre as dimensões, mas, entendem a dimensão física como gestora do processo. Da América Latina surge uma tendência que contraria o caráter analítico das

anteriores, conhecida como treino integrado das dimensões físicas, técnicas e táticas. E de Portugal surge a periodização tática, tendência baseada em uma matriz conceitual e um conjunto metodológico norteado pelo modelo de jogo da equipe.

O conceito de esporte rendimento fica evidenciado nas categorias de base, cujo propósito é formar ou revelar o atleta para o mundo futebolístico, visando resultados competitivos e lucro com sua possível venda. Em geral, as equipes se preocupam em formar rapidamente o atleta, para atender às necessidades do mercado e do mundo profissional, não levando em consideração o processo de formação gradual, podendo ocorrer uma forte cobrança por resultados desde as categorias mais jovens, dependendo da forma que o clube utiliza os atletas formados em suas escolas. Para Damo (2005) existem majoritariamente três diferentes tipos de formação instituídas pelos clubes de futebol, a formação endógena, a exógena e a mista. Na formação endógena, o objetivo central do processo é a formação dos futebolistas exclusivamente para a atuação na equipe profissional do próprio clube. Já a formação exógena visa formar os futebolistas para futura negociação dos seus direitos federativos aos clubes com maior potencial esportivo e econômico. E, por fim, no modelo de formação mista, que ocorre de forma predominante na maior parte dos clubes do Brasil e do mundo, a intenção é formar os futebolistas para a atuação no próprio clube, porém, os excedentes e os destaques acabam por ser negociados com os demais.

Portanto, o processo de formação é uma atividade que objetiva preparar os jovens futebolistas para uma carreira esportiva que ocorrerá no futuro. No entanto, se faz necessário o planejamento minucioso das ações no presente, especialmente pelo fato que os jovens estão em um período de crescimento e desenvolvimento, que requer atenção quanto a sua formação pessoal, social e esportiva.

2.4 O processo de formação no futebol brasileiro

Ao longo da história o processo de formação de jovens futebolistas no futebol brasileiro vem passando por grandes mudanças em seu contexto, devido

a desvalorização da formação realizada nos campos de várzea e nas ruas, e a valorização do processo realizado nas escolinhas e nas categorias de base dos clubes, que se tornaram o principal alvo dos jovens que estejam dispostos a seguir a carreira de futebolistas. Para Campestrini (2009) essas mudanças são devidas a espetacularização e comercialização do futebol brasileiro, que se tornou um grande produtor e exportador de futebolistas para o mundo.

Esse processo ganhou força e assumiu maior importância e complexidade em meados da década de 1990, com as mudanças nas legislações trabalhistas e a criação da Lei 9.615 de 24 de março de 1998, popularmente conhecida como Lei Pelé, que alterou as relações contratuais entre futebolistas e clubes. Anos após as primeiras mudanças legislativas, em janeiro de 2012, a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) apresentou as diretrizes RDP n.º 01/2012 e a RDP n.º 02/2012, regulamentando normas, critérios e procedimentos para a emissão do Certificado de Clube Formador (CFF) e o Contrato de Formação Desportiva (CFD) (MORAES, 2015). De acordo com Thiengo (2019) essas diretrizes se constituíram como elementos importantes para garantir aos clubes e jovens futebolistas direitos e obrigações ao longo do processo de formação, caracterizado pela regulamentação, controle, institucionalização e racionalização da profissão.

Devido as alterações na legislação vigente no Brasil, houve o aumento na busca e captação de atletas, passando-se a recrutar atletas cada vez mais novos, aumentando o grau de responsabilidade, e obrigando cada vez mais a profissionalização dos departamentos relacionados ao futebol de base. Esse processo ganhou aspecto profissional, com base na ciência, em que diversas teorias e métodos de ensino foram e ainda são utilizadas pelos clubes como base filosófica para desenvolver e preparar o jovem futebolista para a profissionalização e conseqüentemente o mercado profissional. Segundo Carraveta (2012) essas teorias e métodos utilizadas ao longo dos anos, recebem grande influência de três grandes correntes: a concepção pré-científica, a científica e a sistêmico-ecológica.

Com base no empirismo, a concepção pré-científica valoriza a prática como treinamento das habilidades dos jogadores, com sessões de treinos convencionais e repetitivas (WILPERT, 2005). Segundo Moraes (2015) foi

amplamente utilizada entre 1930 a 1970, período conhecido como época do futebol arte¹, perdendo espaço posteriormente ao advento do futebol força² e a cientificação dos processos de formação e treino. De acordo com Damo (2007) essa concepção ainda é muito utilizada, principalmente por futebolistas aposentados que acreditam que através de suas experiências profissionais próprias estão capacitados a conduzir o processo de formação de atletas.

A concepção científica é baseada na teorização sustentada pelas faculdades de Educação Física, sendo orientados por professores amparados em bases científicas para utilização do treinamento desportivo. Possuindo duas vertentes distintas: a global e a específica (CARRAVETA, 2012). De acordo com Moraes (2015) a versão específica se refere a dissociação dos elementos do jogo em partes, que devem ser memorizados e reproduzidos isoladamente e mecanicamente diversas vezes até a perfeição. Já a vertente global, de acordo com o mesmo autor, prioriza o ensino da modalidade através da associação coletiva dos elementos do jogo, sendo simuladas situações de jogo em que os fundamentos são ensinados.

A concepção sistêmico-ecológica entende a formação e o treinamento como um processo transdisciplinar com diferentes profissionais envolvidos, dando importância a aspectos relacionados a cultura, valores, tradição, sentimentos, emoções, entre outros. Para Carraveta (2012) por ser um modelo complexo, os futebolistas são incentivados a utilizarem a criatividade e o improviso em busca de soluções para as diversas situações.

Destacadas as principais concepções utilizadas no Brasil, e entendendo que o atual processo ocorre cada vez mais precocemente, cada centro de formação adota aquela que melhor atende as suas aspirações, ficando a cargo dos grandes clubes que concentram os maiores investimentos as concepções mais modernas. Para Moraes (2015) o processo de formação dos jovens futebolistas adotados pelos clubes no Brasil se divide em cinco etapas: pré-formação, seleção, divisão de categorias, especialização e profissionalização.

¹ Reconhecido desta forma pelo seu aprendizado natural de jogar futebol, resultando numa técnica individual apurada.

² Reconhecido pela capacidade estratégica de impor e determinar modelos de comportamento, procedimentos, condutas e padrões de movimento através da fragmentação do jogo embasado em conhecimento de fisiologia e biomecânica.

A pré- formação, também reconhecida como iniciação esportiva, se inicia desde a infância com as diversas brincadeiras com bola de caráter lúdico, de forma espontânea e não planejada, até as escolinhas de formação. Para Ferreira (2001) é o primeiro contato da criança com o esporte em que seus níveis de exigência devem ser compatíveis com as capacidades de uma criança que está iniciando um novo processo. Segundo Thiengo (2011) a iniciação no futebol realizada nas escolinhas propicia o aprendizado dos elementos fundamentais do futebol por meio de metodologias desenvolvidas nas faculdades de Educação Física, se iniciando aproximadamente aos sete anos de idade.

Por ser um dos esportes que mais cedo se inicia o processo de formação e devido as inúmeras exigências, a seleção se torna uma das etapas mais importantes, na qual os clubes buscam jovens futebolistas que apresentam as características necessárias para o seu desenvolvimento. Para Rodrigues (2003) essa seleção se torna necessária devida a alta demanda e as poucas vagas disponíveis nos clubes. Segundo Neto (2004) as peneiras³ ainda são as principais formas de seleção e captação de futebolistas pelos clubes. De acordo com Paoli (2007) além das peneiras os clubes contam com uma rede de observadores que trabalham diariamente observando treinos e competições em busca de novos talentos.

A divisão das categorias no Brasil, são estruturadas de acordo com a idade cronológica (THIENGO, 2011). Em alguns clubes a atenção e o investimento em determinada categoria variam de acordo com a proximidade dos jovens futebolistas com a profissionalização. Segundo Paoli (2007) assim ocorre a divisão das categorias:

- Pré-Mirim: até 12 anos;
- Mirim: até 13 anos;
- Pré-Infantil (sub-14): até 14 anos;
- Infantil (sub-15): até 15 anos;
- Juvenil (sub-17): entre 16 e 17 anos;
- Júniores (sub-20): entre 18 e 20 anos;

³ Atividades marcadas por clubes ou empresários com o objetivo de observar e avaliar os candidatos as vagas disponíveis nos clubes.

- Profissionalização.

Já a especialização no futebol é um processo longo e planejado detalhadamente, com o objetivo de aperfeiçoar as habilidades, corrigir os vícios oriundos das etapas anteriores, o avanço no ensino da tática e a priorização dos jogos coletivos (PAOLI, 2007). Para Carraveta (2006) se inicia aos 14 anos, momento ideal para o ensino dos movimentos específicos do jogo, com duração de 4 a 6 anos, coincidindo com o período da puberdade e o final do processo de crescimento do jovem futebolista. Portanto essa fase deve ser considerada como o momento exato para a busca da excelência esportiva, e não como um fim de processo.

A última etapa é a profissionalização, porém, não são todos os jovens futebolistas que conseguem atingir essa meta, sendo desejado pelos clubes o atleta quase perfeito. A dificuldade de se atingir a profissionalização é relatada por Soares et al., (2011) em que relatam que os postos de trabalho no futebol profissional brasileiro são limitados e incertos, associados a uma alta demanda pelo desejo de se profissionalizar, tornando-se um processo extremamente complexo, competitivo e incerto. Para Simões e Thiengo (2018) a grande maioria dos jovens futebolistas vinculados aos processos de formação sequer atuarão no futebol profissional. E ainda sim aqueles que consigam alcançar a profissionalização esportiva, deverão se preparar para uma carreira relativamente curta, com duração média de 15 anos (THIENGO, 2019).

2.5 Prática deliberada e a importância no processo de formação.

Ao analisar a importância da prática na melhora do desempenho, é necessário entender que tipo de prática contribui mais. Será suficiente considerar o tempo consumido em quaisquer atividades relacionadas ao desporto, desde que, equivalentes a 10.000 horas, para a melhora do desempenho e da performance (STARKE, 2000). Ou, pelo contrário, os conteúdos de uma prática devidamente estruturada, que exijam alto nível de esforço e concentração possibilita o melhor desempenho (ERICSSON; KRAMPE; TESCH-ROMER, 1993).

A Prática Deliberada pode ser caracterizada como uma atividade para melhorar aspectos específicos do desempenho, sendo a aprendizagem um resultado direto e esperado (ERICSSON; KRAMPE; TESCH-ROMER, 1993). Ela pode ser entendida como uma prática altamente estruturada e direcionada para um objetivo relevante, tendo como meta a melhoria do desempenho, mesmo que não necessariamente prazeroso, apesar do grande esforço e concentração que lhe estão associados (DIAS, 2005).

A prática deliberada é uma das teorias que mais tenta explicar a melhora da performance e do desempenho, entretanto, no futebol diversos fatores como treinar em equipe ou individualmente, ter disponível espaços e materiais adequados, além dos aspectos físicos, técnicos, táticos, psicológicos e sociais também influenciam no desempenho e devem ser levados em consideração. Apesar de não ser generalizável a todos os contextos de rendimento, sendo necessário a definição de critérios específicos para cada desporto, a função da prática deliberada contribui para a melhora do desempenho, estando na origem de indivíduos que persistem no desporto e os que acabam desistindo (VAN YPEREN, 2009).

No processo de formação de jovens futebolistas, que demanda um período prolongado de prática, em um período repleto de dificuldades e desafios, na qual as recompensas quase não existem, é necessário a compreensão e o entendimento do que motiva esses jovens a assumirem objetivos de rendimento tão precocemente, a um nível elevado de compromisso com os treinamentos em busca de uma melhoria constante do desempenho durante anos. Para Baker e Côté (2003) só um indivíduo com objetivos de rendimento elevado, aliado a uma motivação elevada, é capaz de realizar diversas horas de prática para atingir o melhor desempenho em qualquer contexto de realização.

Portanto, a quantidade e a qualidade do processo de formação nas quais os jovens futebolistas estão submetidos, promove grande melhoria nas habilidades necessárias, podendo exercer grande influência sobre sua motivação e o seu desempenho em alto nível. Em seu estudo Ericsson, Krampe e Tesch-Romer (1993) entendem que, os indivíduos se motivam para a prática porque através da prática ocorre a melhora do desempenho. Já em seu estudo Van Yperen (2009) concluiu que no processo de formação no futebol, os jovens

futebolistas que se profissionalizaram tiveram um nível de compromisso e motivação com a prática maior do que aqueles que acabaram desistindo. Sendo assim, os jovens futebolistas podem se motivar para a prática deliberada pelo simples fato de que praticar melhora o desempenho, e conseqüentemente, permite atingir o mais alto nível de rendimento possível (ERICSSON; KRAMPE; TESCH-ROMER, 1993).

2.6 Aspectos motivacionais no processo de formação

Com a evolução do futebol, os clubes tem se profissionalizado cada vez mais, promovendo uma nova exigência junto aos profissionais. Como consequência desse fator, novas filosofias organizacionais estão sendo inseridas, onde um dos fatores de maior importância tem sido o reconhecimento da necessidade do preparo psicológico para os atletas.

Existem muitos fatores de ordem emocional e motivacional que influenciam no desejo pela profissionalização. O sonho de se tornar jogador de futebol profissional por muitas vezes se origina nos possíveis benefícios que tal profissão pode proporcionar, como fama, sucesso, estabilidade financeira, salários astronômicos, entre outros (PIMENTA, 2000). Para Damo (2007) a maioria dos jovens futebolistas que almejam se tornar profissionais do futebol são oriundos de classes inferiores da sociedade, que ainda acreditam no futebol como a grande oportunidade de mudança de vida.

Entretanto, em diversas situações são as famílias desses jovens que nutrem o desejo dos mesmos de se tornarem futebolistas profissionais, pois enxergam no futebol profissional uma forma de melhoria de vida que inclui todos os membros da família e não apenas o futebolista (PAOLI, 2007). Assim, motivados e pressionados por seus próprios desejos e muitas das vezes somente pelos desejos de seus familiares, torna-se fundamental entender a importância da motivação nos esportes e no futebol.

Dentre os aspectos psicológicos que influenciam o rendimento esportivo, há uma estreita relação com a motivação (BRANDÃO et al., 2006), que tem se tornado alvo de pesquisas para a sua melhor compreensão, por fornecer um entendimento sobre por que alguém inicia, regula ou interrompe um

comportamento. No futebol a motivação é um dos principais fenômenos de ordem psicológica que pode estar relacionada diretamente a diversos momentos, desde a participação em jogos, conquistas, prêmios, reconhecimento social, entre outros (GONÇALVES et al., 2015). Para Dosil (2008) é uma variável psicológica imprescindível para o sucesso esportivo de um atleta ou uma equipe, pois influencia na participação, persistência, melhoria ou até mesmo abandono de uma modalidade.

Ao considerar que a motivação para a prática do futebol depende da interação de diversos fatores internos e externos, é plausível admitir que a capacidade de um futebolista em se manter motivado ou se desmotivar ao longo de um processo de formação nas categorias de base pode variar ao longo das etapas (MOREIRA, et al., 2016). Dentre os diversos fatores que irão influenciar, o fato de ser pouco ou não aproveitado pelo treinador durante as partidas oficiais da equipe, pode causar no jovem futebolista, a sensação de ter reduzidas as suas chances de evolução e melhora do desempenho no seu processo de formação no futebol. Para Souza et al., (2018) quando o atleta possui mais minutos em jogos oficiais, além de estar em constante observação, tende a se desenvolver e se valorizar mais do que atletas com menos minutos. Nesse contexto é correto especular que atletas com alto tempo de jogo ao longo de uma temporada podem se apresentar mais motivados que atletas com baixo tempo de jogo.

2.7 Motivação e futebol

A motivação se tornou um tema muito discutido no futebol de rendimento, pois é devido a sua influência que muitos futebolistas permanecem em seus clubes, treinando com empenho, mesmo enfrentando desafios físicos e mentais diariamente. É através dela que um futebolista pode ter um bom desempenho mesmo jogando no estádio da equipe adversária, sem o apoio da torcida, ou até mesmo, se um jovem futebolista desejará continuar no processo de formação, treinando com seus colegas, ou abandonará a modalidade, por não conseguir encontrar motivos para ali estar.

Na literatura, os psicólogos do esporte e do exercício consideram a motivação a partir de diversos pontos de vistas específicos. Para Lavallo et al., (2004) a motivação é uma variável latente, em vez de uma entidade observável, o que contribui para a dificuldade de medi-la e defini-la com precisão. Entretanto, apesar desses desafios de medição e conceituação, estudar os motivos que determinam a prática desportiva tem sido um dos temas principais de investigação na pesquisa esportiva.

Nas décadas passadas houve o surgimento de diversas teorias relativas a motivação, embora atualmente questionadas sobre o ponto de vista prático, elas foram responsáveis pelas abordagens mais atuais (BALBINOTTI; SALDANHA; BALBINOTTI, 2009). A literatura tem apresentado diversas teorias sobre motivação, desde as primeiras teorias que buscavam unificar todas as ações dentro de uma única estrutura, até as mais contemporâneas que se concentram em fenômenos comportamentais particulares, sendo apresentadas algumas relacionadas ao esporte.

2.7.1 Motivação no esporte

Algumas teorias da motivação no esporte tentam explicar os fenômenos que ocorrem em relação ao comportamento do esportista, assim como as teorias tradicionais da motivação, tentam melhorar o entendimento em relação ao comportamento do indivíduo. Para Samulski (2009) a motivação pode ser definida como um processo ativo, com intenção e com foco em uma meta. Esse processo, no entanto, é influenciado por fatores pessoais e ambientais (intrínsecos e extrínsecos, respectivamente). Ainda de acordo com o autor, a motivação apresentará uma determinante energética com um nível de ativação e uma determinante de direção do comportamento (interesses, metas).



Figura 1 – Motivação para a prática esportiva como resultado de interação entre fatores pessoais e situacionais (WEINBERG; GOULD, 2001).

Fonte: SAMULSKI (2009, p.168).

Para que se possa compreender o que acontece no meio esportivo em relação ao comportamento do esportista, é preciso compreender quais fatores psicológicos determinam esses comportamentos durante a prática desportiva. Devido a este questionamento, estudos e pesquisas na área da psicologia têm avançado com passar dos anos. De acordo com Weinberg e Gould (2001), com o passar dos anos surgiram quatro teorias que tentam explicar o que motiva as pessoas a agirem de determinada forma. São elas, a teoria da necessidade de realização, a teoria da atribuição, a teoria das metas de realização e a teoria da motivação para a competência, que serão apresentadas a seguir.

Teoria da necessidade de realização

Esta teoria explica a motivação levando em consideração fatores pessoais e situacionais que interagem em busca do rendimento. Nela se destacam cinco componentes fundamentais, são eles: fatores da personalidade (ou pessoais) e motivos, fatores situacionais, tendências resultantes, reações emocionais e comportamento de rendimento.

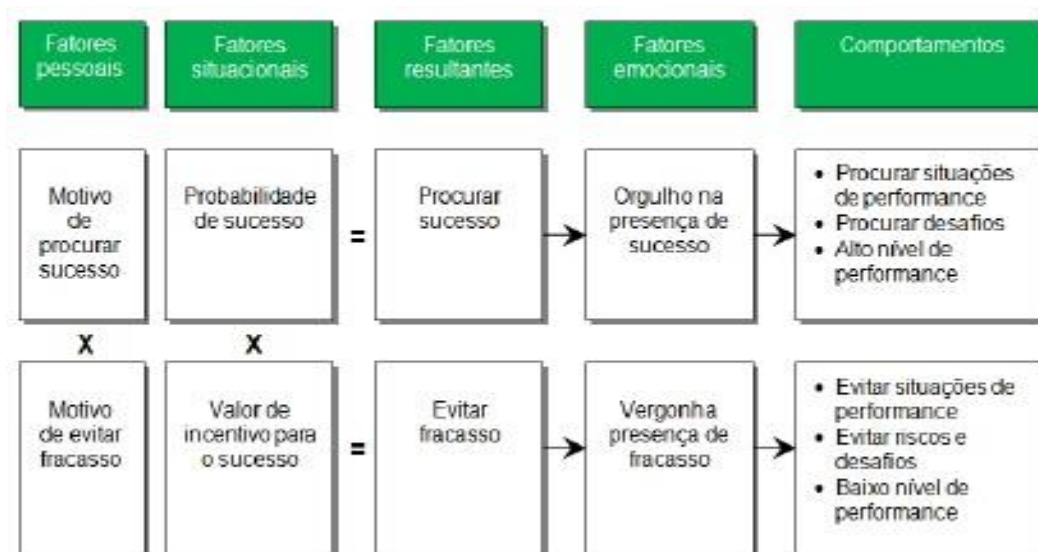


Figura 2 – Modelo de necessidade para o rendimento.
 Fonte: SAMULSKI (2009, p.168)

Fatores pessoais: De acordo com essa visão cada pessoa possui duas tendências motivacionais: procurar sucesso e evitar fracasso. Segundo Samulski (2009) a procura pelo sucesso é definida como a capacidade de vivenciar o orgulho e a satisfação na realização das tarefas, enquanto que o motivo de evitar o fracasso é determinado como uma capacidade de suportar vergonha e humilhação como consequência do fracasso.

Fatores situacionais: Acontecem dois fatores situacionais que influenciam a motivação para o rendimento, são eles: a probabilidade e o valor de incentivo do sucesso. Segundo Samulski (2009) a probabilidade do sucesso sofre dependência da competência do adversário e da dificuldade da tarefa. Já o valor do sucesso no esporte é maior quando se vence um adversário de alto nível do que de baixo nível.

Tendências resultantes: As pessoas orientadas para o sucesso procuram desafios e preferem competir contra adversários fortes, já as pessoas orientadas para o fracasso tendem a evitar situações de desafios, procurando tarefas fáceis em que o sucesso é garantido ou extremamente difíceis nas quais o fracasso é quase garantido e ninguém esperaria a vitória (WEINBERG; GOULD, 2001).

Reações emocionais: As reações emocionais como orgulho, satisfação e vergonha sofrem influências das tendências comportamentais. Para Samulski (2009) Atletas com altos níveis de realização focalizam-se mais no orgulho e satisfação, ao contrário dos atletas com baixos níveis, que põe em foco a vergonha e a preocupação.

Comportamentos de performance: É o resultado da interação entre os quatro componentes anteriores. Segundo Weinberg e Gould (2001) pessoas orientadas ao sucesso selecionam tarefas mais exigentes, com risco intermediário, tendo melhor desempenho em situações de avaliação. Já pessoas orientadas para o fracasso preferem evitar tarefas exigentes e situações de risco, obtendo pior desempenho em situações de avaliação.

Teoria de atribuição

Essa teoria foca nas explicações que as pessoas utilizam para justificar seus sucessos e fracassos (WEINER, 1985). Por exemplo, um atleta pode parar um processo de formação em um clube e atribuir seu fracasso a um fator estável (sua falta de dedicação) ou um fator instável (um péssimo treinador) ou a uma causa externa (morar longe de sua casa e familiares), ou também um fator que o atleta pode controlar (própria falta de esforço) ou um fator que o atleta não controla (dispensa da equipe). O sucesso ou fracasso de uma pessoa podem ser atribuídos a uma variedade de possíveis atribuições. (WEINBERG; GOULD, 2001).

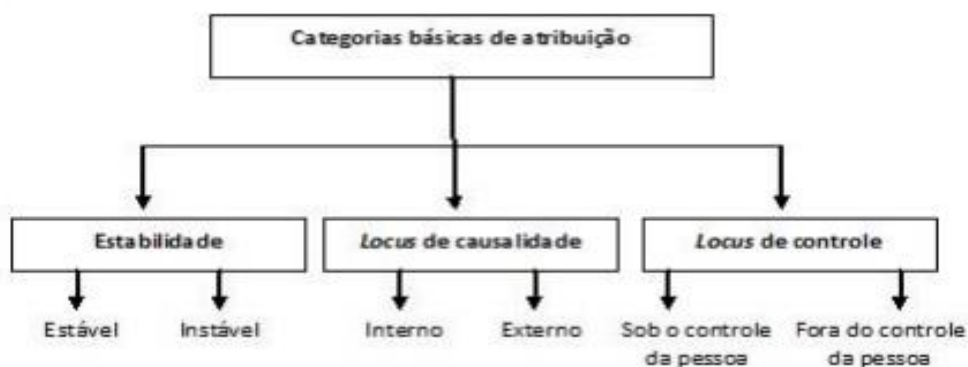


Figura 3 – Categorias básicas de atribuição.

Fonte: WEINBERG E GOULD (2001, p.84)

Teoria das metas para o rendimento

Segundo esta teoria, três fatores interagem para a determinação da motivação de uma pessoa: as metas para o rendimento ou realização, a percepção de capacidade e o comportamento frente à realização (SAMULSKI, 2009). De acordo com a teoria, alguns atletas orientam suas ações comparando-se com outros atletas, ou seja, adotam uma orientação ao resultado ou à meta competitiva. Já outros se orientam por normas de referência individual, esforçando-se para melhorar seu próprio rendimento, aperfeiçoando seu nível técnico, e em alguns casos, os atletas podem se orientar tanto à tarefa quanto ao resultado, mas a maioria tende a ser superior em uma destas orientações.

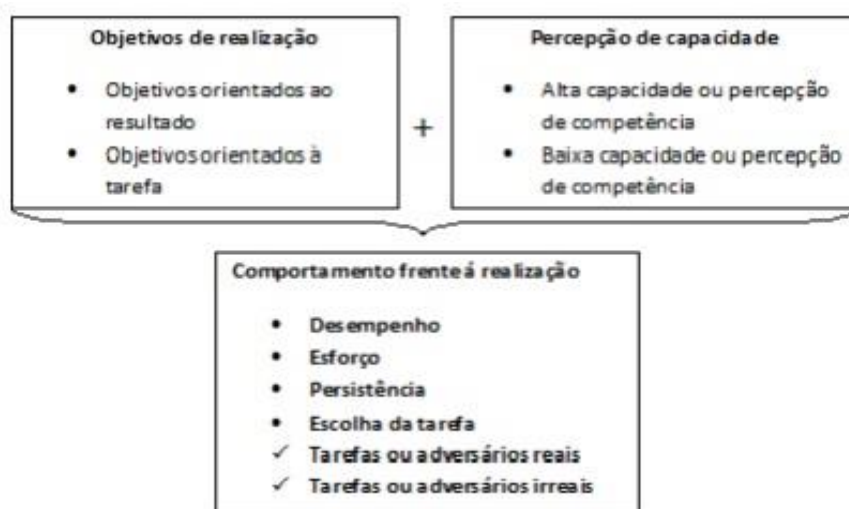


Figura 4 – Determinantes da teoria de metas de performance.

Fonte: WEINBERG E GOULD (2001, p.87)

Teoria da motivação para a competência

Segundo Weiss e Chaumeton (1992) a teoria da motivação para a competência, explica o processo de interação entre percepção de competência e controle de uma pessoa, e estado atual de motivação. Essa teoria defende que as pessoas são motivadas a sentirem-se dignas ou competentes, e estes sentimentos são os principais determinantes da motivação. Em relação ao

futebol, se um jovem futebolista estiver com alta autoestima, sentir-se competente e perceber que tem controle sobre a aprendizagem e o desempenho de habilidades do futebol, esses esforços para aprender o jogo aumentarão sua satisfação, seu orgulho e sua felicidade. Os estados afetivos positivos, por sua vez, levarão a uma motivação maior.

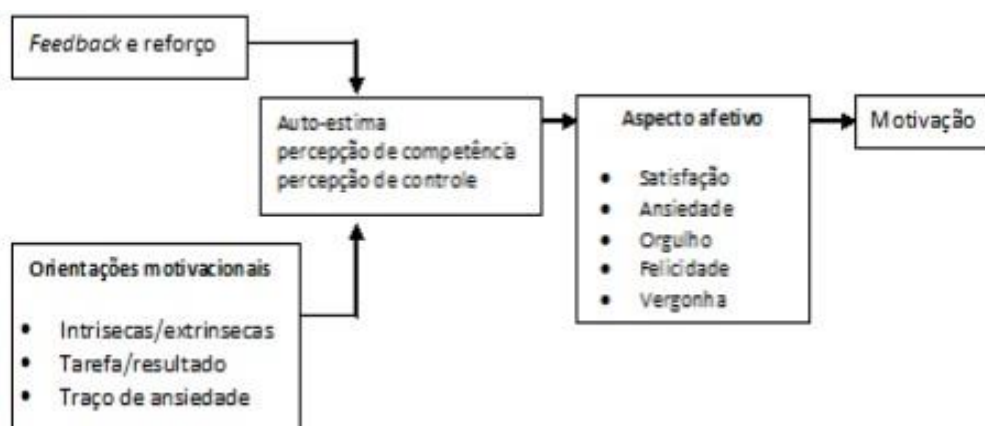


Figura 5 – Teoria da Motivação para competência.
Fonte: WEINBERG E GOULD (2001, p.87)

2.8 Motivação e Teoria da Autodeterminação.

A motivação é um dos assuntos de maior importância da Psicologia do Esporte, e entender a sua relação com os futebolistas é importante para compreender o que faz o indivíduo buscar satisfazer suas necessidades e desejos, sendo assim, a intensidade e direção de seus próprios esforços. A literatura tem apresentando o termo motivação em diversos formatos, entretanto, este trabalho se baseia na Teoria da Autodeterminação (TAD), pois ela tem se tornado uma das teorias mais sólidas e coerentes para explicar a motivação humana nos exercícios físicos e esportes (VIANA; ANDRADE; MATIAS, 2010).

A TAD é uma das teorias sobre a motivação humana que se preocupa com o desenvolvimento e funcionamento da personalidade em contextos sociais, especificamente, com as causas e as consequências do comportamento autodeterminado, mediada pela satisfação de três componentes fundamentais, ou seja, as necessidades psicológicas básicas de autonomia, competência e

relacionamento. São estas necessidades que vão determinar a regulação do comportamento do sujeito, que assenta em um continuum motivacional e oscila entre formas menos e mais autodeterminadas do comportamento (controladoras x autônomas).

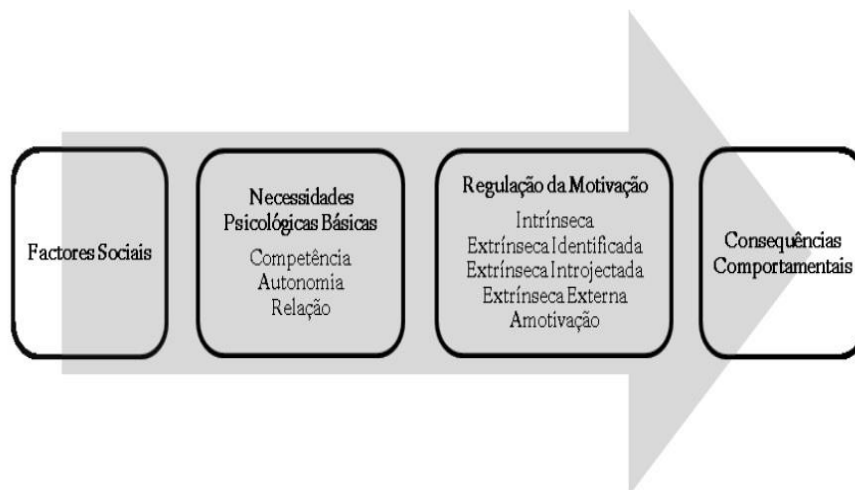


Figura 6 – Teoria da Autodeterminação.
Fonte: DECI E RYAN (1985)

De acordo com Ryan e Deci (2000) é uma meta-teoria composta por outras subteorias, das quais, duas são consideradas mais relevantes para o estudo e serão discutidas a seguir.

2.8.1 Teoria das Necessidades Psicológicas Básica.

Em conformidade com a TAD, a satisfação das três necessidades psicológicas básicas: competência, autonomia e relacionamento, são entendidas como essenciais para o desenvolvimento social e bem-estar do atleta, estando intimamente ligado a motivação pessoal (ALMAGRO, et al., 2020).

Para Vallerand e Lousier (1999) a concepção de necessidade psicológica básica pode ser compreendida como fatores necessários para facilitar o crescimento e realização do potencial humano. Ryan e Deci (2020) classificam as três necessidades psicológicas básicas:

- **Autonomia:** Necessidade do ser humano de autorregular as suas próprias experiências e ações, com isso determinando o seu comportamento.
- **Relacionamento:** Necessidade das pessoas de terem interações sociais satisfatórias, sentir pertencente a um grupo.
- **Competência:** Necessidade de produzir resultados, de se sentir eficiente e capaz de algo.

São essas necessidades psicológicas básicas que vão determinar a regulação motivacional do sujeito. Segundo Vallerand (1997) em eventos que há a percepção desses fatores sociais, o impacto na motivação é positivo, entretanto, quando não há a percepção de autonomia, competência e relação social, o impacto na motivação é negativo.

2.8.2 Teoria da Integração dos Organismos.

De acordo com Ryan e Deci (2017) como parte da TAD existe uma subteoria denominada integração dos organismos, representada por um modelo multidimensional composto por três dimensões da motivação (intrínseca, extrínseca e desmotivação) que se encontram em um continuum motivacional.

- **Motivação intrínseca:** Inconscientes, fatores pessoais.
- **Motivação extrínseca:** Conscientes, fatores ambientais.
- **Desmotivação.**

Motivação intrínseca.

A motivação intrínseca pode ser estabelecida como entusiasmo, divertimento e satisfação referente a realização de um comportamento. Quando uma determinada atividade atrai uma pessoa a ponto em que ela esteja interessada tanto pela execução da mesma, quanto a repetição dessa execução posteriormente, ela pode sentir-se competente e autodeterminada, ao perceber

a causa do seu comportamento como interna, sendo as recompensas inerentes a atividade. Segundo Boog (2002) a motivação intrínseca pode se caracterizar pelo conjunto de percepções que o indivíduo tem sobre sua existência, sendo o mecanismo intrínseco que impulsiona o indivíduo e que o mantém disposto e feliz, permitindo sua evolução e senso de desenvolvimento.

Geralmente no esporte ela se refere a prática exclusivamente pelo sentimento de prazer e satisfação proporcionado por certa atividade. No contexto do futebol, é o momento em que os atletas vão para a prática porque entendem ser interessante e satisfatório aprender mais sobre o esporte que praticam, ou que o realizam pelo prazer constante de tentar se superar, sendo considerados intrinsecamente motivados dentro do seu esporte. Para Almagro (2020) é a forma mais autodeterminada ocorrendo quando o atleta participa devido ao interesse ou prazer da própria atividade.

Embora na literatura determinados autores apontem a existência de um conceito geral básico para a motivação intrínseca, uma linha de pesquisadores baseados na sistemática da TAD, apontam para a presença de três tipos de motivação intrínseca (VALLERAND, 1997). Esses três tipos de motivação intrínsecas são identificadas como motivação intrínseca para conhecer, motivação intrínseca para atingir objetivos e motivação intrínseca para experiências estimulantes.

Motivação intrínseca para conhecer.

A motivação intrínseca para conhecer, pode ser definida como a realização de uma atividade simplesmente pela satisfação e o prazer que ela proporciona. Para Costa et al., (2011) em atletas ela está relacionada a condições próprias ligadas ao interesse e a busca de entendimento que o atleta deseja alcançar sobre o esporte que pratica. Corroborando com Pelletier et al., (1995) que definem como a prática de determinada atividade pelo prazer e satisfação, além de aprender e explorar algo novo.

Motivação intrínseca para atingir objetivos.

A motivação intrínseca para atingir objetivos, pode ser reconhecida como o sentimento de prazer e satisfação sentido em uma atividade ao conseguir atingir um objetivo ou realizar alguma meta. Ainda segundo Costa et al., (2011) essa motivação é referente ao prazer que o atleta busca ao evoluir dentro da nova modalidade praticada. Portanto, saber executar técnicas de alto grau de dificuldade para motivação pessoal, pode representar um exemplo dessa motivação no domínio do esporte.

Motivação intrínseca para experiências estimulantes.

A motivação intrínseca para experiências estimulantes, ocorre quando o atleta inicia uma atividade para vivenciar experiências estimulantes provenientes do seu envolvimento nessa atividade. Para Paula et al., (2020) essa motivação refere-se a atividade como forma de vivenciar desafios e experimentar sensações. Podendo estar vinculada a essência lúdica da atividade a ser realizada.

Motivação extrínseca.

A motivação extrínseca ao contrário da intrínseca pertence a uma variedade de comportamentos que são realizados para um determinado comportamento, ou seja, é quando o indivíduo que realiza uma determinada tarefa visando uma recompensa exterior à mesma, esperando uma recompensa que está fora da vivência da própria atividade, estando extrinsecamente motivado. Para Souza et al., (2018) a motivação extrínseca se refere a estímulos de fatores externos que podem direcionar o comportamento dos atletas.

Portanto, o futebolista pode jogar futebol, não pelo prazer de participar, mas sim pelo fato de sobressair-se em relação aos outros ou ganhar um prêmio. Segundo Biddle, Chatzisarantis e Hagger (2001) a motivação extrínseca consiste em um conjunto variado de comportamentos, que são realizados com vista a um fim, que não o próprio prazer e o divertimento.

Em determinado momento, pesquisas apontavam que a motivação extrínseca se referia apenas a comportamentos não autodeterminados, que só poderiam ser propensos por estímulos externos. Entretanto, segundo Ryan e Deci (2020) existem diferentes tipos de motivação extrínseca que podem ser ordenadas ao longo de um continuum de autodeterminação, do menos ao mais autodeterminado, respectivamente: regulação externa, introjeção, identificação e integração.

Motivação extrínseca de regulação externa.

A motivação extrínseca de regulação externa é quando o comportamento do atleta é controlado por fontes externas, com o intuito de buscar recompensas materiais ou evitar punições. Segundo Ryan e Deci (2020) é uma forma de motivação tipicamente experimentada como controlada e não autônoma. Nesse caso, a ação do atleta está relacionada diretamente a prêmios, castigos ou imposição de terceiros. Muitas das vezes, o esporte deixa de ser praticado por diversão e passa a ser praticado pela troca por recompensas ou evitar repercussões negativas.

Motivação extrínseca introjetada.

A motivação extrínseca introjetada está relacionada ao fato de o atleta internalizar motivos e pressionar a si mesmo para realização de uma determinada atividade. Para Ryan e Deci (2020) o comportamento se regula pelas recompensas internas da autoestima pelo sucesso e pela evitação da ansiedade, vergonha ou culpa pelo fracasso, ou até mesmo o desejo de se obter o reconhecimento social (NTOUMANIS, 2001). Podendo impedir que o atleta tome decisões de acordo com sua própria vontade.

Motivação extrínseca identificada.

A motivação extrínseca identificada reflete uma valorização consciente do comportamento, quando o atleta vê valores pessoais na atividade e a aceita

como importante para seu crescimento pessoal e desenvolvimento como pessoa (PELLETIER et al., 1995). Com isso o comportamento passa a ser mais autodeterminado, porém ainda está relacionado a comportamentos externos. De acordo com Costa et al., (2011) no esporte essa motivação acontece quando atletas participam de determinado esporte acreditando que seu envolvimento contribuirá para o seu desenvolvimento da sua carreira.

Motivação extrínseca integrada.

A motivação extrínseca integrada é a forma mais autodeterminada ou autônoma da regulação externa de um comportamento, entretanto, é necessário que a atividade seja avaliada pelo indivíduo e classificada como parte de seus valores. Segundo Ryan e Deci (2020) a pessoa não apenas reconhece e identifica valor na atividade, mas também a considera congruentes com outros interesses e valores centrais. Sendo definida como comportamento totalmente aceito pelo indivíduo.

Desmotivação

A desmotivação é o componente mais negativo da autodeterminação, ocorrendo a ausência total de fatores motivacionais sendo eles extrínsecos ou intrínsecos, caracterizada pelo sujeito que não tem a intenção de realizar algo, sendo provável que a atividade seja acompanhada de sentimentos de frustração, medo ou até mesmo depressão. Para Ryan e Deci (2020) quando a pessoa está desmotivada ela não encontra um fim na realização de uma tarefa ou a julga irrelevante. Segundo Costa et al., (2011) nos atletas é caracterizado pelo sentimento de desesperança, onde as motivações intrínsecas e extrínsecas não afetam o desempenho do atleta, que não sente razão nenhuma para continuar praticando o esporte. Quando atletas se encontram nesse estado eles não conseguem identificar razões para continuar praticando o esporte e por vezes decidem por abandonar sua prática.

2.8.3 O Continuum de Autodeterminação (The Self-Determination Continuum).

Em pesquisas recentes a literatura esportiva tem sugerido a utilização do índice de autodeterminação (IAD), que corresponde a uma pontuação única obtida pelo somatório dos escores de cada dimensão que compõem os diferentes tipos de motivação, indicando a posição do indivíduo em um continuum de autodeterminação, em que os diferentes tipos de motivação são ordenados em uma sequência crescente, que vai do mais negativo ao mais positivo, denominada de Continuum de Autodeterminação (The Self-Determination Continuum), conforme ilustração a seguir (FERNANDES; VASCONCELOS, 2005).

É importante salientar que os sete diferentes tipos de motivação são ordenados em uma sequência crescente, desde o mais negativo até os mais positivos, ficando evidenciado o peso imputado a cada componente do índice de autodeterminação (VALLERAND; LOUSIER, 1999).

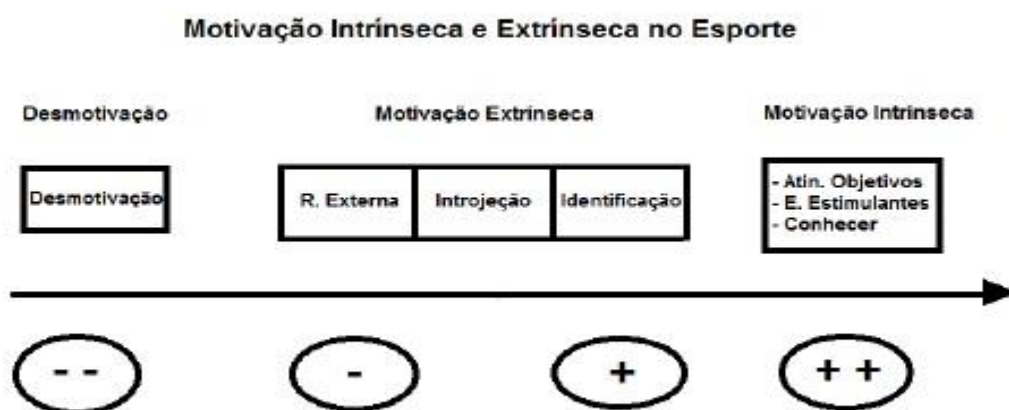


Figura 7 – O continuum de Autodeterminação
Fonte: VALLERAND E LOUSIER (1999).

2.9 Teoria da Autodeterminação e tempo de jogo.

No processo de formação, diariamente se busca identificar quais fatores estão relacionados na construção de um ambiente motivacional visando o melhor desempenho dos atletas. Nós seres humanos, em nosso dia a dia, somos confrontados com questões motivacionais em relação ao que temos vontade de fazer, ou não, e o mesmo se passa com os jovens futebolistas. Para Pelletier et al., (2013) jovens futebolistas possuem motivos de ordem intrínseca e extrínseca, porém, durante o processo de formação podem apresentar fatores de desmotivação oriundos, por exemplo, pelo fato de ter poucos minutos jogados nas partidas oficiais.

A TAD é uma teoria que pode colaborar para a compreensão de possíveis diferenças nos níveis motivacionais de jovens futebolistas com alto ou baixo tempo de jogo. Esta teoria alega que as pessoas de diversas culturas partilham necessidades psicológicas básicas de autonomia, competência e relacionamento, que quando satisfeitas pelo indivíduo o bem-estar é melhorado (DECI; RYAN, 1985). Durante as etapas do processo de formação dos jovens futebolistas a satisfação dessas necessidades pode aumentar ou diminuir, sendo que a competência pode ser facilitada por expectativas realistas do próprio jovem ou dadas pelo treinador através de feedbacks relevantes, enquanto a autonomia prospera em um contexto de conhecimento dos comportamentos técnicos, táticos, e da oportunidade que o treinador dá ao futebolista de jogar e tomar decisões, e por fim, o relacionamento desenvolve-se a partir do envolvimento, da comunicação, e do divertimento entre toda a equipa e o futebolista. Para Ryan e Deci (2017) os contextos sociais que promovem as três necessidades psicológicas básicas são vitais para a manutenção da motivação intrínseca, com isso, uma maior autodeterminação.

Estimulados por diversos fatores, esses jovens futebolistas candidatos a atletas profissionais se submetem a diversas peneiras e avaliações em clubes e instituições formadoras, e ao serem aprovados, passam anos e anos treinando e jogando, e alimentando o sonho de chegar ao futebol profissional. Dentre as diversas avaliações durante esse período de formação, os minutos jogados em partidas oficiais das respectivas categorias dos atletas, tem a tendência de

oferecer elementos para a comissão técnica, permitindo observar e identificar no elenco aqueles que apresentam condições de seguir adiante no processo. Por isso, os minutos jogados nas partidas oficiais se torna uma variável de extrema importância, pois ao possuir uma alta minutagem o jovem futebolista tem a chance de mostrar o seu valor para a comissão técnica, além da tendência de desenvolver seu potencial ao agregar mais conhecimentos do esporte em relação aqueles com menos minutos.

Contudo, ainda não se tem evidências de que os minutos jogados em partidas oficiais durante o processo de formação pode aumentar ou diminuir os níveis motivacionais e conseqüentemente o desempenho. Especula-se que a Teoria da Autodeterminação pode contribuir para o entendimento de possíveis diferenças nos níveis motivacionais de jovens futebolistas com alta e baixa minutagem em jogos oficiais durante o processo de formação, por ser uma teoria que tem recebido destaque como uma das mais utilizadas nas pesquisas sobre motivação no esporte (CHAN, et al., 2015).

Na literatura específica do futebol, a motivação tem sido correlacionada com diversos aspectos psicológicos como burnout (PIRES et al., 2019), coping (NASCIMENTO JUNIOR et al., 2010), coesão de grupo (FIORESE et al., 2018), liderança (CHAVEIRO; CORREIA; CRUZ, 2014), estresse (BRANDÃO, 2006), além de variáveis de desempenho técnico (ABDULLAH et al., 2016) e tático (BORGES et al., 2015). No entanto, até o presente momento, não foram encontradas evidências de estudos que tenham analisado o quanto jogar mais minutos em partidas oficiais ao longo do processo de formação interfere na motivação dos jovens futebolistas.

Deste modo, observando o estado da arte, no tocante a relação entre a motivação, a satisfação das Necessidades Psicológicas Básicas e a oportunidade de praticar mais o jogo, calculado pelos minutos jogados pelos jovens futebolistas, entendo que é de extrema importância compreender como os minutos jogados podem interferir na motivação. Acredita-se que atletas com mais minutos jogados em partidas oficiais possam apresentar-se mais motivados na prática do futebol comparados aos colegas de equipe com menos minutos jogados em partidas oficiais.

3. OBJETIVO

3.1 OBJETIVO GERAL

Investigar a influência dos minutos jogados em partidas oficiais ao longo de uma competição de uma equipe de futebol de base nas necessidades psicológicas básicas e na regulação da motivação de jovens futebolistas.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Descrever as características sociodemográficas e esportivas de jovens futebolistas de uma equipe de futebol de base;

Analisar a influência dos minutos jogados em partidas oficiais ao longo de uma competição nas necessidades psicológicas básicas de jovens futebolistas;

Analisar a influência dos minutos jogados em partidas oficiais ao longo de uma competição na regulação da motivação de jovens futebolistas.

3.3 HIPÓTESE

Atletas com mais minutos jogados em partidas oficiais ao longo de uma competição apresentam maior satisfação das necessidades psicológicas básicas e da motivação autodeterminada comparados a atletas com menos tempo de jogo.

4. MÉTODO

4.1 DELINEAMENTO

Este estudo se caracteriza como um estudo longitudinal, de natureza observacional, abordagem quantitativa, descritivo e comparativo (THOMAS; NELSON; SILVERMAN, 2007).

4.2 PARTICIPANTES

Participaram do presente estudo 30 jovens futebolistas do sexo masculino, das categorias sub-13, sub-15 e sub-17, pertencentes a uma equipe de futebol de base de Juiz de Fora – MG com idade média de 14,7 ($\pm 1,5$ anos). A amostra foi composta por jogadores de todas as posições. O tempo médio de prática de futebol foi de 4,14 ($\pm 3,61$ anos). A frequência semanal de treinos na equipe foi de 5 (± 1 dia).

4.3 PROCEDIMENTOS

O projeto da pesquisa em questão foi previamente submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo seres humanos (CAAE: 57164422.5.0000.5147).

Inicialmente foi solicitado ao diretor responsável do clube a participação dos futebolistas na presente pesquisa. Após o aceite do clube, foi realizada a apresentação aos futebolistas e em seguida realizado o convite a participação, com uma semana de antecedência ao início da coleta dos dados. Foi informado aos participantes que a qualquer momento e sem nenhum prejuízo, eles poderiam deixar de participar do estudo. Foi apresentado e entregue o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Anexo 1), e o Termo de Assentimento (TA) (Anexo 2), que em seguida seriam preenchidos juntamente com seus responsáveis legais e entregues até a véspera do início da realização da coleta.

Por se tratar de um estudo de caráter longitudinal, foram realizadas três coletas de dados em momentos distintos. O Momento 1 ocorreu antes do início do período competitivo (junho), o Momento 2 ocorreu na metade do período competitivo (agosto), e o Momento 3 (outubro) ocorreu ao final do período competitivo. Os questionários foram respondidos e enviados individualmente por meio de um link disponibilizado online na plataforma do Google *Forms*.

4.4 INSTRUMENTOS

4.4.1 Questionário Sociodemográfico e Esportivo de identificação do atleta:

Questionário contendo informações básicas, com questões sobre: idade, sexo, escolaridade, classe social, moradia. Os dados esportivos foram relacionados à equipe atual, categoria, tempo de prática no esporte, frequência semanal de treino, histórico esportivo, atividades extras esportivas, histórico escolar (Anexo 3).

4.4.2 Questionário Necessidades Psicológicas Básicas:

A Escala de Satisfação de Necessidades Básicas no Esporte (BNSSS), foi traduzida, adaptada e validada para o contexto esportivo brasileiro por Nascimento Júnior, Vissoci e Vieira (2018). A versão brasileira da BNSSS é constituída por 12 itens que avaliam o nível de satisfação em relação às necessidades psicológicas básicas e são distribuídos em três dimensões: 1) Competência; 2) Autonomia; e 3) Relacionamento. As respostas são dadas em uma escala do tipo *Likert* de sete pontos que variam de “Nem um pouco verdade” (1) a “Muita verdade” (7). O índice de consistência interna geral da BNSSS foi de 0,85. Verificou-se que o alfa de *Cronbach* das dimensões da escala foi satisfatório ($\alpha = 0,83$ a $\alpha = 0,86$) (Anexo 4).

4.4.3 Questionário Regulação da Motivação:

A versão brasileira da *Sport Motivate Scale* – SMS-BR28, é um questionário traduzido e validado por Bara Filho et al., (2011), que tem como objetivo avaliar a regulação dos diferentes tipos de motivação esportiva, composta por 28 perguntas estruturadas em subescalas: Amotivação, Regulação Externa, Regulação Introjetada, Regulação Identificada, Motivação Intrínseca para Saber, Motivação Intrínseca para Realizar e Motivação Intrínseca

para Estimulação de Experiências. Em cada um dos 28 itens os atletas devem optar por uma entre as 7 respostas possíveis em uma escala tipo *Likert*, em que 1 é não corresponder em nada, 2 e 3 corresponde um pouco, 4 corresponde medianamente, 5 e 6 corresponde muito e 7 corresponde exatamente. O índice de consistência interna apresentou níveis satisfatório e estabilidade temporal. Verificou-se que o alfa de *Cronbach* das dimensões da escala foi satisfatório ($\alpha = 0,57$ à $\alpha = 0,82$) (Anexo 5).

4.4.4 Questionário de intenção de permanência ou desistência do futebol:

Para avaliar a intenção de permanência ou desistência dos jovens futebolistas no processo de formação, foi empregado um instrumento de 2 itens que inclui perguntas como “Tenho a intenção de continuar treinando” e “Tenho a intenção de abandonar o esporte”. Os jovens futebolistas responderam em uma escala tipo *Likert*, em que (1) “Não concordo nem um pouco”, (3) “Nem concordo e nem discordo”, e (5) “Concordo completamente” (Anexo 6).

4.4.5 Minutos jogados:

O tempo de jogo de cada atleta foi extraído das súmulas oficiais de todos os jogos disputados pelas equipes, disponibilizadas pelos clubes e pelas organizações dos campeonatos. Os dados referentes a minutagem de jogos dos atletas foram armazenados no programa Microsoft Excel. Ao final da temporada foram somados o número e tempo de todos os jogos da temporada. Os atletas foram classificados em atletas que não jogaram; atletas que tiveram menos de 25% de tempo de jogo e atletas que tiveram mais de 25% de tempo de jogo.

4.5 ANÁLISE ESTÁTISTICA

Inicialmente os dados foram exportados do *Google Forms* para uma planilha do Microsoft Excel, em seguida foram transcritos para o software Statistical Package for the Social Science (SPSS 20.0). Em sequência foi

realizado uma análise exploratória e descritiva dos dados, em que foram calculadas as médias, desvio padrão, valores mínimo e máximo.

Posteriormente, para verificar a normalidade da distribuição dos dados foi realizado o teste de *Shapiro-Wilk*. Além disso, foi utilizado o método de *bootstrapping* para obter o intervalo de confiança de 95%. Foram realizadas 1000 iterações de *bootstrap* para estimar o intervalo de confiança.

Considerando a distribuição não paramétrica dos dados, para comparar os três momentos foi utilizado o teste inferencial de Friedman com post hoc de Nemenyi. Para comparar os três grupos (Não foram para o jogo; Jogaram menos de 25% e Jogaram mais de 25%), utilizou-se o teste não paramétrico de Kruskal-Wallis com post hoc de Dunn. Para todas as análises inferenciais realizadas, um valor de $p < 0,05$ (95%) foi adotado como critério de significância estatística.

5. RESULTADOS

Os resultados encontrados com relação a características sociodemográficas e esportivas de jovens futebolistas estão descritos nas tabelas abaixo. A amostra consistiu de 30 sujeitos. Na Tabela 1 apresenta-se os resultados de escolaridade de cada futebolista participante da pesquisa.

Tabela 1 – Escolaridade dos jovens futebolistas

Série	Frequência (n)	Porcentagem válida (%)
Fundamental I	1	3,3
Fundamental II	21	70
Médio Incompleto	5	16,7
Médio Completo	2	6,7
Não estuda	1	3,3
Total	30	100

Fonte: Autoria própria (2023).

Os resultados apresentam que 21 (70%) dos jovens futebolistas frequentam o ensino fundamental. Apenas 1 (3,3%) desses futebolistas não estuda.

Na Tabela 2 apresenta-se os resultados sobre treino, estudo e trabalho dos futebolistas participantes da pesquisa.

Tabela 2 - Treino, estudo e trabalho dos jovens futebolistas

	Frequência (n)	Porcentagem válida (%)
Treina e estuda	27	90
Treina, estuda e trabalha	3	10
Total	30	100

Fonte: Autoria própria (2023).

A tabela acima destaca que 27 (90%) dos futebolistas da amostra estudam e treinam, e apenas 3 (10%) além dos estudos e treinamento, também dedicam parte do seu tempo ao trabalho.

Na Tabela 3 apresenta-se os resultados de categoria, posição e titularidade.

Tabela 3 - Categoria, posição e titularidade dos jovens futebolistas

	Frequência (n)	Porcentagem válida (%)
<i>Categoria</i>		
Sub – 13	13	43,3
Sub – 15	11	36,7
Sub – 17	6	20
<i>Posição</i>		
Goleiro	2	6,7
Lateral	9	30
Zagueiro	2	6,7
Volante	6	20
Meia	6	20
Atacante	5	16,7
<i>Percepção de Titularidade</i>		
Reserva	13	43,3
Titular	17	56,7

Fonte: Autoria própria (2023).

Os resultados da tabela acima indicam a presença de atletas de 3 categorias diferente na amostra, sendo 13 (43,3%) da categoria Sub-13, 11(36,7%) da categoria Sub-15, e 6 (20%) da categoria Sub-17. Já em relação a posição de cada futebolista, foram encontrados 12 (40%) de meio-campistas, 9 (30%) de laterais, 5 (16,6%) atacantes, 2 (6,7%) zagueiros e 2 (6,7%) goleiros. Dentre todos os futebolistas, 17 (56,7%) eram considerados titulares e 13 (43,3) considerados reservas.

Na Tabela 4 apresenta-se os resultados de nível de competição disputado por esses futebolistas até o momento da pesquisa.

Tabela 4 - Nível de competição disputado pelos jovens futebolistas

Níveis	Frequência (n)	Porcentagem válida (%)
Municipal	3	10
Regional	6	20
Estadual	5	16,7
Nacional	11	36,7
Internacional	5	16,7
Total	30	100

Fonte: Autoria própria (2023).

Na tabela acima é possível encontrar os diferentes níveis de competição já disputados pelos futebolistas presentes na pesquisa, dentre eles, 5 (16,7%) já tiveram a experiência de disputar competições internacionais, 11 (36,7%) somente disputaram competições nacionais, 5 (16,7%) somente competições estaduais, 6 (20%) somente competições regionais e 3 (10%) somente municipais.

Na Tabela 5 apresenta-se os resultados de adoecimento, bebida e lesão.

Tabela 5 - Adoecimento, consumo de bebida alcoólica e histórico de lesão de jovens futebolistas

	Frequência (n)	Porcentagem válida (%)
Adoecimento		
Raramente	17	56,7
Às vezes	12	40

Quase sempre	1	3,3
Bebida alcoólica		
Nunca	29	96,7
Já bebeu	1	3,3
Lesão		
Não	11	36,7
Sim	19	63,3

Fonte: Autoria própria (2023).

Os resultados da tabela acima indicam que 17 (56,7%) dos futebolistas raramente adoecem, já 12 (40%) adoecem as vezes e apenas 1 (3,3%) dos futebolistas adoecem quase sempre. Em relação ao consumo de bebidas alcoólicas, os resultados indicam que 29 (96,7%) dos futebolistas nunca fizeram uso dessas bebidas e apenas 1 (3,3%) já fez uso de alguma bebida alcoólica. Em relação a lesão na carreira, 19 (63,3%) já tiveram algum tipo de lesão e 11 (36,7%) nunca se lesionaram durante o tempo em que praticam futebol.

Na Tabela 6 apresenta-se os resultados de pensamento em parar ou parou de jogar futebol.

Tabela 6 – Intenção dos jovens futebolistas em parar de jogar ou parada efetiva do futebol por um tempo

	Frequência (n)	Porcentagem válida (%)
Intenção de parar		
Não	11	36,7
Sim	19	63,3
Parou		
Não	21	70
Sim	9	30

Fonte: Autoria própria (2023).

A tabela acima destaca que 11 (36,7%) dos jovens futebolistas em algum momento de sua carreira já pensaram em parar de jogar futebol, enquanto 19 (63,3%) nunca pensaram em parar de jogar. Para além da intencionalidade, durante suas carreiras, 9 (30%) dos jovens futebolistas, em algum momento de

suas carreiras pararam de jogador futebol, entretanto, 21 (70%) desses jovens futebolistas nunca interromperam suas atividades com o futebol.

Na Tabela 7 apresenta-se os resultados de relacionamento com a família, pais, equipe, amigos e treinador.

Tabela 7 – Relacionamento dos jovens futebolistas com família, pais, equipe, amigos e treinador

	Frequência (n)	Porcentagem válida (%)
<i>Família</i>		
Regular	5	26,7
Boa	6	30
Excelente	19	63,3
<i>Pais</i>		
Boa	5	16,7
Excelente	25	83,3
<i>Equipe</i>		
Boa	12	40
Excelente	18	60
<i>Amigos</i>		
Boa	10	33,3
Excelente	20	63,7
<i>Treinador</i>		
Boa	7	23,3
Excelente	23	73,7

Fonte: Autoria própria (2023).

De acordo com os resultados encontrados na tabela acima, 19 (63,3%) dos jovens futebolistas afirmam ter um relacionamento excelente com a família, já 6 (30%) dizem ter uma relação boa, e 5 (26,7%) uma relação regular com a família. Já a relação com seus pais, para 25 (83,3 %) dos jovens futebolistas, consideram ter uma relação excelente com os pais, e 5 (16,7%) consideram essa relação como boa. No que diz respeito ao relacionamento com a equipe, para 18 (60%) dos jovens futebolistas, eles consideram que existe uma relação

excelente, já para 12 (40%) essa relação é boa. Em relação a amigos, 20 (63,7%) consideram como excelente as suas relações de amizade na equipe, enquanto que para 10 (33,3%) consideram como boa essa relação. Por fim, foi perguntado a relação com o seu treinador, e para 23 (73,7%) essa relação foi considerada como excelente, já para 7 (23,3%) essa relação é considerada como boa.

Na Tabela 8 apresenta-se os resultados de auto avaliação dos jovens futebolistas, em relação ao próprio entendimento de suas condições relacionadas aos aspectos fundamentais do jogo de futebol.

Tabela 8 – Auto avaliação dos aspectos físico, técnico, mental e tático

	Frequência (n)	Porcentagem válida (%)
<i>Físico</i>		
Ruim	1	3,3
Regular	5	16,7
Boa	24	80
<i>Técnico</i>		
Regular	7	23,3
Boa	18	60
Excelente	5	16,7
<i>Mental</i>		
Regular	6	20
Boa	18	60
Excelente	6	20
<i>Tático</i>		
Regular	3	10
Boa	19	63,3
Excelente	8	26,7

Fonte: Autoria própria (2023).

Em conformidade com os resultados encontrados na tabela acima, para 24 (80%) dos jovens futebolistas, estão com uma condição física boa, enquanto 5 (16,7%) entendem ter uma condição física regular e apenas 1 (3,3%) uma condição física ruim. Em relação ao aspecto técnico, 5 (16,7%) dos jovens

futebolistas estão com uma condição técnica excelente, para 18 (60%) essa condição técnica é boa, e 7(23,3%) entendem estar com aspecto técnico regular. No que se refere ao aspecto mental, 6 (20%) dos jovens futebolistas classificam como excelente, enquanto que 18 (60%) classificam como boa e 6 (20%) classificam como regular sua condição mental. Por fim, em relação ao aspecto tático do jogo, 8 (26,7%) dos jovens futebolistas entendem ter uma excelente perspectiva tática do futebol, ao passo que 19 (63,3%) classificam como boa seu entendimento da tática, 3 (10%) como regular essa percepção de entendimento da parte tática do jogo.

Na Tabela 9 apresenta-se os resultados da participação dos jovens futebolistas nos jogos oficiais de suas equipes ao longo da competição oficial observada.

Tabela 9 - Participação dos jovens futebolistas nos jogos oficiais

	Frequência (n)	Porcentagem válida (%)
Não jogaram	16	53,3
Jogaram	14	47,7
Total	30	100

Fonte: Autoria própria (2023).

Ao serem analisadas as súmulas oficiais das competições das equipes e dos atletas participantes da pesquisa, foi observado que 14 (47,7%) dos jovens futebolistas participaram em algum momento das partidas das suas equipes, ao que, 16 (53,3%) desses futebolistas não participaram em nenhum momento de suas respectivas competições.

Dos jovens futebolistas que participaram, a minutagem média foi de 331 minutos (\pm 263 minutos), com mínimo de participação em 53 minutos e máximo de 748 minutos. Em relação ao percentual total de atuação, a média encontrada foi 35% (\pm 28%), com mínimo de participação em 6% do tempo total e máximo de 81%.

Na Tabela 10 apresenta-se os resultados em porcentagem apenas dos jovens futebolistas que participaram dos jogos oficiais.

Tabela 10 - Porcentagem de tempo dos jovens futebolistas que participaram dos jogos

	Frequência (n)	Porcentagem válida (%)
Jogaram < 25 %	7	50
Jogaram > 25%	7	50
Total	14	100

Fonte: Autoria própria (2023).

Do total de 14 jovens futebolistas que participaram em algum momento das competições oficiais, 7 (50%) jogaram menos de 25% dos minutos totais dos jogos de suas equipes nas competições, enquanto, os outros 7 (50%) participaram em mais de 25% do tempo total estimado.

Na Tabela 11 apresenta-se os resultados relacionados as Necessidades Psicológicas Básicas dos jovens futebolistas ao longo das competições oficiais disputadas por suas respectivas equipes.

Tabela 11 - Necessidades Psicológicas Básicas de jovens futebolistas ao longo de uma competição oficial

Dimensão/Momento	Média ± Dp	IC 95%	Mínimo	Máximo
<i>Autonomia</i>				
Momento 1	6,00 ± 0,78	5,71 – 6,29	4,00	7,00
Momento 2	6,37 ± 0,57	6,16 – 6,58	5,00	7,00
Momento 3	6,39 ± 0,72	6,12 – 6,63	4,50	7,00
<i>Competência</i>				
Momento 1	6,17 ± 0,67	5,92 – 6,41	4,50	7,00
Momento 2	6,29 ± 0,53	6,09 – 6,48	5,00	7,00
Momento 3	6,35 ± 0,66	6,29 – 6,58	4,25	7,00
<i>Pertencimento</i>				
Momento 1	6,25 ± 0,71	5,99 – 6,50	4,50	7,00
Momento 2	6,42 ± 0,53	6,23 ± 6,61	5,00	7,00
Momento 3	6,41 ± 0,66	6,16 – 6,64	4,50	7,00

Fonte: Autoria própria (2023). Legenda: Dp – desvio padrão; IC 95%: Intervalo de Confiança de 95%

Em relação aos dados obtidos na tabela acima, considerando os intervalos de confiança de 95%, a Autonomia variou de 5,71 (Momento 1) até 6,63 (Momento 3). Já a Competência, os valores variaram de 5,92 (Momento 1) até 6,58 (Momento 3) e o Pertencimento variou de 5,99 (Momento 1) até 6,64 (Momento 3),

Na Tabela 12 apresenta-se os resultados relacionados a influência da minutagem de jogo nas Necessidades Psicológicas Básicas dos jovens futebolistas ao longo da competição oficial disputadas nas respectivas equipes.

Tabela 12 - Influência da minutagem de jogo nas Necessidades Psicológicas Básicas de jovens futebolistas ao longo de uma competição oficial.

Dimensão/Momento	Não foram para o jogo (n = 16)		Jogaram < do que 25% (n = 07)		Jogaram > do que 25% (n = 07)	
	Média ± Dp	IC 95%	Média ± Dp	IC 95%	Média ± Dp	IC 95%
<i>Autonomia</i>						
Momento 1	5,79 ± 0,75	5,42 – 6,14	6,28 ± 0,79	5,71 – 6,78	6,21 ± 0,65	5,78 – 6,64
Momento 2	6,32 ± 0,60	6,04 – 6,60	6,28 ± 0,63	5,82 – 6,67	6,57 ± 0,31	6,35 – 6,78
Momento 3	6,17 ± 0,85	5,73 – 6,54	6,42 ± 0,31	6,21 – 6,60	6,96 ± 0,09	6,89 – 7,00
<i>Competência</i>						
Momento 1	6,15 ± 0,64	5,81 – 6,43	6,03 ± 0,80	5,50 – 6,57	6,37 ± 0,70^a	5,87 – 6,75
Momento 2	6,35 ± 0,53	6,07 – 6,59	6,28 ± 0,54	5,92 – 6,64	6,20 ± 0,57	6,79 – 6,62
Momento 3	6,14 ± 0,74[*]	5,78 – 6,45	6,39 ± 0,53[#]	6,00 – 6,71	6,79 ± 0,29^{a,*,#}	6,54 – 6,95
<i>Pertencimento</i>						
Momento 1	6,08 ± 0,77	5,68 – 6,43	6,32 ± 0,75	5,78 – 6,78	6,46 ± 0,46	6,14 – 6,78
Momento 2	6,51 ± 0,46	6,26 – 6,73	6,10 ± 0,67	5,64 – 6,53	6,50 ± 0,43	6,21 – 6,78
Momento 3	6,20 ± 0,76	5,81 – 6,55	6,53 ± 0,46	6,21 – 6,82	6,82 ± 0,27	6,60 – 6,96

Fonte: Autoria própria (2023).

Legenda: Dp – desvio padrão; IC 95%: Intervalo de Confiança de 95%; p < 0,05; ^a diferença entre os momentos no grupo jogou > 25%; ^{*} diferença entre grupo não jogou vs. jogou > 25%; [#] diferença entre grupo jogou < 25% vs. jogou > 25%

Entre os jovens futebolistas que jogaram mais de 25% do total da minutagem, houve diferença entre os momentos analisados na Competência ($p = 0,04$). O nível de Competência foi significativamente maior no Momento 3 do que no Momento 1 ($p = 0,04$).

Ao comparar os jovens futebolistas em relação à minutagem de jogo, houve diferença na Competência no Momento 3 ($p = 0,03$). O nível de Competência foi significativamente maior nos que jogaram mais de 25% em relação aos que não jogaram ($p = 0,01$) e em relação aos que jogaram menos de 25% ($p = 0,03$).

Na Tabela 13 apresenta-se os resultados das diferentes regulações da motivação esportiva relacionados aos jovens futebolistas ao longo do período competitivo.

Tabela 13 - – Regulação da motivação esportiva de jovens futebolistas ao longo do período competitivo.

Dimensão/Momento	Média ± Dp	IC 95%	Mínimo	Máximo
<i>AMOT</i>				
Momento 1	3,59 ± 0,99	3,22 – 4,00	2,00	6,25
Momento 2	3,46 ± 1,31	2,94 – 4,00	1,25	6,50
Momento 3	3,19 ± 1,27	2,69 – 3,71	1,25	5,50
<i>ME-RE</i>				
Momento 1	4,97 ± 0,96	4,59 – 5,34	2,25	7,00
Momento 2	4,77 ± 1,41	4,20 – 5,33	2,00	7,00
Momento 3	4,68 ± 1,63	4,01 – 5,32	1,75	7,00
<i>ME-IN</i>				
Momento 1	5,60 ± 1,11	5,13 – 6,03	3,00	7,00
Momento 2	5,66 ± 0,99	5,27 – 6,04	3,25	7,00
Momento 3	5,21 ± 1,33	4,68 – 5,73	2,25	7,00
<i>ME-ID</i>				
Momento 1	5,73 ± 0,73	5,42 – 6,03	4,00	7,00
Momento 2	5,65 ± 1,30	5,08 – 6,14	2,50	7,00
Momento 3	5,71 ± 1,37	5,10 – 6,23	1,50	7,00
<i>MI-EX</i>				

Momento 1	6,45 ± 0,75	6,11 – 6,73	4,75	7,00
Momento 2	6,48 ± 0,70	6,17 – 6,70	4,50	7,00
Momento 3	6,16 ± 1,12	5,66 – 6,57	3,00	7,00
MI-RE				
Momento 1	6,21 ± 0,93	5,80 – 6,56	3,75	7,00
Momento 2	6,29 ± 0,78	5,96 – 6,59	4,75	7,00
Momento 3	6,26 ± 0,96	5,83 – 6,61	4,25	7,00
MI-SB				
Momento 1	6,08 ± 0,93	5,69 – 6,45	4,00	7,00
Momento 2	6,18 ± 0,85	5,82 – 6,51	4,25	7,00
Momento 3	6,01 ± 1,20	5,48 – 6,45	2,75	7,00
IAD				
Momento 1	3,88 ± 3,97	2,36 – 5,33	- 4,00	12,50
Momento 2	4,66 ± 5,26	2,48 – 6,80	- 7,25	16,75
Momento 3	5,69 ± 4,98	3,54 – 6,07	- 5,25	15,00

Fonte: Autoria própria (2023).

Legenda: Dp – desvio padrão; IC 95%: Intervalo de Confiança de 95%; AMOT = Amotivação; ME-RE = Motivação Extrínseca Regulação Externa; ME-IN = Motivação Extrínseca Introjetada; ME-ID = Motivação Extrínseca Identificada; MI-EX = Motivação Intrínseca para Estimulação de Experiências; MI-RE = Motivação Intrínseca para Realizar; MI-SB = Motivação Intrínseca para Saber; IAD = Índice de Autodeterminação.

Em relação aos dados descritivos na tabela acima, podemos observar que considerando o IC de 95%, a Amotivação dos jovens futebolistas variou de 2,69 (Momento 3) até 4,00 (Momento 1 e 2). A maior variação do Índice de Autodeterminação foi no Momento 2 (-7,25 até 16,75).

Na Tabela 14 apresenta-se os resultados relacionados a influência da minutagem de jogo na Motivação Autodeterminada de jovens futebolistas ao longo de uma competição oficial.

Tabela 14 - Influência da minutagem de jogo na motivação autodeterminada de jovens futebolistas ao longo de uma competição oficial.

Dimensão/Momento	Não foram para o jogo (n = 16)		Jogaram < do que 25% (n = 07)		Jogaram > do que 25% (n = 07)	
	Média ± Dp	IC 95%	Média ± Dp	IC 95%	Média ± Dp	IC 95%
AMOT						
Momento 1	3,53 ± 1,05	3,03 – 4,10	3,39 ± 0,77	2,89 – 3,96	3,62 ± 1,15	2,79 – 4,45
Momento 2	3,25 ± 0,97	2,79 – 3,71	3,64 ± 1,95	2,42 – 5,03	3,33 ± 1,13	2,54 – 4,16
Momento 3	3,17 ± 1,31	2,53 – 3,85	2,89 ± 1,23	2,10 – 3,78	3,91 ± 1,02	3,16 – 4,62
ME-RE						
Momento 1	4,96 ± 0,71	4,60 – 5,33	4,89 ± 1,54	3,78 – 5,89	4,79 ± 1,23	3,75 – 5,54
Momento 2	4,81 ± 1,34	4,18 – 5,42	5,07 ± 1,86	3,75 – 6,25	4,79 ± 1,50	3,75 – 5,95
Momento 3	4,33 ± 1,42*	3,60 – 5,05	4,60 ± 1,44#	3,57 – 5,57	6,00 ± 1,63*,#	4,66 – 6,83
ME-IN						
Momento 1	5,41 ± 1,15	4,80 – 5,96	5,39 ± 1,31	4,50 – 6,28	6,04 ± 0,73	5,50 – 6,58
Momento 2	5,65 ± 1,06	5,14 – 6,14	5,39 ± 1,24	4,50 – 6,21	5,87 ± 1,02	5,12 – 6,62
Momento 3	4,89 ± 0,94*	4,41 – 5,33	4,92 ± 1,71#	3,64 – 6,03	6,66 ± 0,58*,#	6,16 – 6,95
ME-ID						
Momento 1	5,64 ± 0,76	5,25 – 6,01	5,96 ± 0,76	5,39 – 6,42	6,08 ± 0,58^a	5,66 – 6,50
Momento 2	5,53 ± 1,28	4,89 – 6,07	5,96 ± 1,10	5,17 – 6,64	5,12 ± 1,96^b	3,75 – 6,45
Momento 3	5,41 ± 1,52*	4,58 – 6,12	5,57 ± 0,82#	5,00 – 6,14	6,79 ± 0,33^{a,b,*,#}	6,54 – 7,00
MI-EX						
Momento 1	6,35 ± 0,67	6,00 – 6,67	6,64 ± 0,83	6,00 – 7,00	6,33 ± 0,94	5,66 – 6,95
Momento 2	6,28 ± 0,86	5,85 – 6,67	6,60 ± 0,42	6,32 – 6,89	6,75 ± 0,38	6,50 – 7,00

Momento 3	5,60 ± 1,36*	4,89 – 6,26	6,50 ± 0,52	6,10 – 6,82	6,91 ± 0,20*	6,75 – 7,00
MI-RE						
Momento 1	5,92 ± 1,05	5,39 – 6,42	6,60 ± 0,37	6,35 – 6,85	6,54 ± 0,71	6,04 – 7,00
Momento 2	6,12 ± 0,82	5,71 – 6,51	6,53 ± 0,65	6,07 – 6,92	6,62 ± 0,51	6,20 – 6,95
Momento 3	5,82 ± 1,02*	5,32 – 6,33	6,60 ± 0,83	5,96 – 7,00	6,91 ± 0,12*	6,83 – 7,00
MI-SB						
Momento 1	5,82 ± 1,02	5,30 – 6,32	6,57 ± 0,60	6,14 – 6,92	6,45 ± 0,76	5,87 – 6,95
Momento 2	6,00 ± 1,02	5,48 – 6,46	6,39 ± 0,60	5,92 – 6,78	6,50 ± 0,57^b	6,08 – 6,87
Momento 3	5,53 ± 1,26*	4,89 – 6,14	6,17 ± 1,07	5,32 – 6,78	6,95 ± 0,10^{b,*}	6,87 – 7,00

Fonte: Autoria própria (2023).

Legenda: Dp – desvio padrão; IC 95%: Intervalo de Confiança de 95%; AMOT = Amotivação; ME-RE = Motivação Extrínseca Regulação Externa; ME-IN = Motivação Extrínseca Introjetada; ME-ID = Motivação Extrínseca Identificada; MI-EX = Motivação Intrínseca para Estimulação de Experiências; MI-RE = Motivação Intrínseca para Realizar; MI-SB = Motivação Intrínseca para Saber; IAD = Índice de Autodeterminação. $p < 0,05$; ^a e ^b diferença entre os momentos no grupo jogou > 25%; * diferença entre grupo não jogou vs. jogou > 25%; # diferença entre grupo jogou < 25% vs. jogou > 25%

Ao analisar separadamente os diferentes grupos de jovens futebolistas, somente entre os jovens futebolistas que jogaram mais de 25% do total da minutagem, ocorreu uma variação significativa entre os três momentos ($p = 0,01$). A Motivação Extrínseca Identificada foi significativamente maior no Momento 3 em relação ao Momento 2 ($p = 0,02$) e ao Momento 1 ($p = 0,04$).

Ainda, houve diferença significativa entre os momentos na Motivação Intrínseca para Saber ($p = 0,04$), sendo maior no Momento 3 em comparação com o Momento 2 ($p = 0,04$).

Ao comparar os jovens futebolistas com diferentes minutagens de jogo, houve diferença entre os que não jogaram e os que jogaram mais de 25% no Momento 3 na Motivação Extrínseca Regulação Externa ($p = 0,01$), Motivação Extrínseca Introjetada ($p = 0,001$), Motivação Extrínseca Identificada ($p = 0,009$), Motivação Intrínseca para Estimulação de Experiências ($p = 0,007$), Motivação Intrínseca para Realizar ($p = 0,03$) e Motivação Intrínseca para Saber ($p = 0,002$).

Ao comparar os jovens futebolistas que jogaram mais de 25% do total da minutagem e os jovens futebolistas que jogaram menos de 25% do total da minutagem, houve diferença significativa no Momento 3 da Motivação Extrínseca Regulação Externa ($p = 0,05$), Motivação Extrínseca Introjetada ($p = 0,01$), e Motivação Extrínseca Identificada ($p = 0,004$).

6 DISCUSSÃO

O objetivo principal deste estudo foi analisar a influência dos minutos jogados em partidas oficiais ao longo de uma competição nas necessidades psicológicas básicas e na regulação da motivação, especialmente, em razão da importância dos aspectos motivacionais que levam aos jovens futebolistas a se manterem na trajetória para a profissionalização no futebol.

6.1 Necessidades Psicológicas Básicas e minutos jogados

A TAD argumenta que os seres humanos de inúmeras culturas compartilham necessidades psicológicas básicas de autonomia, competência e relacionamento. Essas necessidades são satisfeitas quando os indivíduos sentem vontade em relação as suas escolhas e decisões no contexto em que

estão presentes, ao se sentirem efetivas e capazes de dominar tarefas dos seus ambientes sociais. De acordo com a TAD, a satisfação dessas necessidades aumenta a probabilidade de os jovens futebolistas experimentarem a motivação autodeterminada, afetando positivamente o seu desenvolvimento.

Em relação as Necessidades Psicológicas Básicas e os minutos jogados pelos jovens futebolistas, observou-se que aqueles jovens futebolistas que jogaram mais de 25% do total de minutos possíveis, ao final da competição tiveram maior competência percebida em relação ao início da temporada. Também foi possível identificar que este sentimento de maior competência percebida, ao final da temporada foi maior nesses futebolistas do que naqueles que não jogaram ou que jogaram menos de 25%. Isso pode ser explicado devido ao fato de que os atletas que jogaram e tiveram minutagem nos jogos, aumentaram o sentimento de competência, ao se sentirem eficazes ao desempenharem e participarem efetivamente das tarefas do jogo, se sentindo competentes em relação as suas atividades. Para Deci, Ryan e Guay (2013) o indivíduo ao sentir-se competente e autônoma para a realização das tarefas se envolve de forma mais afetiva, com prazer, satisfação e diversão. Para Duda (2005) a competência é considerada como fundamental para a expressão da motivação no contexto desportivo.

Apesar do estudo atual apontar a influência dos minutos jogados em partidas oficiais de futebol e a satisfação das necessidades psicológicas, não foram encontrados estudos semelhantes. Entretanto, outros estudos associaram a satisfação da competência a outros fatores no futebol e em outros esportes. Segundo Almagro et al., (2015) avaliaram 15 atletas juvenis espanhóis do sexo feminino e masculino de vários contextos desportivos, e concluíram que a satisfação da necessidade de competência, afeta positivamente o desempenho percebido por eles. Assim como Sheldon, Zhaoyang e Williams (2013), anteriormente analisaram atletas de basquete e chegaram à conclusão que satisfazer a necessidade de competência era um forte preditor de desempenho. Em um outro estudo, Almagro et al., (2020) verificaram que a satisfação da necessidade de competência e a motivação intrínseca afetaram positivamente no desempenho percebidos de atletas. Já em relação a continuidade no esporte, em estudo de Calvo et al., (2010) a satisfação da necessidade de competência não foi associada a continuidade no futebol, ao contrário da autonomia e do

relacionamento que foram preditores significativos de persistência no esporte. Já Cresswell e Eklund (2006) alegam que a baixa satisfação da necessidade de competência é um determinante para a experiência de esgotamento e conseqüentemente abandono. Com isso, considera-se que a maior satisfação da competência pode ser fator determinante no aumento da motivação, na melhora do desempenho e na continuidade no esporte.

Com relação à percepção de autonomia e relacionamento e mais minutos jogados, não foram encontradas evidências. Essa influência não foi encontrada na literatura. Porém, existem outras pesquisas que associam a satisfação das necessidades psicológicas de autonomia e/ou relacionamento com o futebol e outros esportes.

No que diz respeito a autonomia, os esportistas quando aumentam essa percepção, se sentem mais à vontade em suas escolhas, e tendem a tomar as melhores decisões, por atuarem de acordo com seus interesses e valores integrados (QUESTED et al., 2013). Em seu estudo, Calvo et al., (2010) avaliaram mais de 492 jogadores juvenis de futebol masculino, e concluíram que dentre diversos fatores, os níveis mais baixos de autonomia foram associados ao abandono do futebol, assim como, sentimentos mais fortes de autonomia se associaram a continuidade. Já no estudo de Raedeke (1997) ele concluiu que a ausência do sentimento de autonomia contribui para o esgotamento de atletas. Enquanto Quested e Duda (2009) analisaram que tanto o sentimento de autonomia quanto o de competência não previam a exaustão.

Já em relação ao relacionamento, é através dos vínculos que ocorrem a aprendizagem, sendo importante para a apropriação de conhecimentos sociais, de normas, regras e valores, refletindo na necessidade de desenvolver sentimentos de pertencimento (RYAN; DECI, 2000). Essas necessidades são vistas como inatas, não são aprendidas, porém, são de importância para comportamento humano, independente de gênero, etnia ou cultura (MOUTÃO et al., 2012). Para Ryan e Deci (2017) o grau e a intensidade que os indivíduos são autodeterminados em seu comportamento é baseado na satisfação das três necessidades psicológicas básicas. Para Balaguer et al., (2012) a satisfação simultânea de autonomia, competência e relacionamento aumenta a probabilidade de o atleta experimentar a motivação autodeterminada. Lourenço et al., (2022), recrutaram 447 jovens atletas portugueses dentre homens e

mulheres, e observaram que a satisfação dessas três necessidades psicológicas previu a motivação autônoma.

Essas três necessidades psicológicas básicas explicam a regulação do comportamento humano ao longo de um continuum motivacional, que vai desde a ausência de regulação ou falta de intenção de agir (amotivação) até as formas mais controladas de motivação, que são as regulações externas e introjetadas, levando às formas mais autônomas de motivação: regulação identificada, regulação integrada e regulação intrínseca (RYAN; DECI, 2000).

6.2 Motivação esportiva e minutos jogados

A motivação pode ser definida como as ações de causas externas e internas que levam os jovens futebolistas a praticar o esporte, de acordo com seus interesses e necessidades. A TAD visa compreender o nível de evolução e comportamento dos indivíduos em contextos sociais (RYAN; DECI, 2007). Essa teoria difere de outras pois considera que os aspectos da motivação intrínseca (mais autodeterminada), extrínseca e amotivação (menos autodeterminada) podem se desenvolver simultaneamente em diferentes extremidades em um continuum de autodeterminação (RYAN; DECI, 2007).

Para a TAD, a forma de regulação do comportamento do jovem futebolista estipula diferentes proporções de motivação, alternando entre menores e maiores graus de motivação autodeterminada (RYAN; DECI, 2017). Com isso, os jovens futebolistas podem apresentar a motivação controlada (Motivação Extrínseca Regulação Externa e Motivação Extrínseca Introjetada) e motivação autônoma (Motivação Extrínseca Identificada, Motivação Intrínseca para Estimulação de Experiências, Motivação Intrínseca para Realizar e Motivação Intrínseca para Saber) (LOURENÇO et al., 2022).

Em relação a motivação autodeterminada e os minutos jogados pelos jovens futebolistas, observou-se que aqueles jovens futebolistas que jogaram mais de 25% do total de minutos possíveis, ao final da competição, tiveram valores estatisticamente significativos na Motivação Extrínseca Identificada e Motivação Intrínseca para Saber. Neste sentido, uma possível explicação para os resultados relacionados a regulação identificada, pode estar relacionado ao fato de que os jovens futebolistas que jogam mais minutos atribuem valores

personais ao jogo, e entendem que estar jogando mais vezes é importante para o seu crescimento e desenvolvimento enquanto atleta. Com isso o comportamento passa a ser mais autodeterminado, porém, ainda está relacionado a comportamentos externos. Em seu estudo Ahmadi et al., (2012) analisaram 255 jovens atletas iranianos de diversas modalidades, incluindo futebolistas, e identificaram que o clima motivacional favorável se relaciona positivamente com formas de motivação mais autodeterminada, entre elas a regulação identificada, promovendo a melhora do desempenho e da aprendizagem. No caso da regulação identificada o indivíduo passa a aceitar que determinado comportamento é pessoalmente relevante (RYAN; DECI, 2000).

Sobre a regulação intrínseca para saber, uma possível explicação, se refere ao fato de que jovens futebolistas mais motivados intrinsecamente, geralmente demonstram maior interesse em aprender a modalidade na qual praticam, contribuindo para a melhora do desempenho, canalizando suas energias em busca de resultados cada vez melhores, além de sentirem maior satisfação e prazer gerados pela prática (RYAN; DECI, 2000). Em estudo realizado por Borges et al., (2015) foram analisadas as relações entre a motivação esportiva e o desempenho tático de 29 jogadores de futebol, na qual, atletas com maiores níveis de motivação intrínseca apresentaram melhor desempenho tático e melhor execução de habilidades específicas do jogo, sugerindo que estes atletas além de sentirem maior prazer e satisfação pela tarefa, tiveram o melhor desempenho.

Ao comparar jovens futebolistas que jogaram mais de 25% do total de minutos possíveis com aqueles que jogaram menos de 25% do total, ao final da competição, tiveram valores estatisticamente significativos na Motivação Extrínseca Regulação Externa, Motivação Extrínseca Introjetada e Motivação Extrínseca Identificada. A motivação extrínseca se relaciona a fatores externos e ocorre quando um indivíduo realiza determinada atividade porque identifica valor nos resultados associados a ela, tais como recompensas materiais, elogios, reconhecimento público ou até mesmo para evitar uma punição potencial (RYAN; DECI, 2017).

No continuum da Autodeterminação, a regulação externa é a forma menos autodeterminada de motivação devido ao seu comportamento ser conduzido por recompensas e punições externas, além de ser uma forma de motivação

tipicamente controlada e não autônoma (RYAN; DECI, 2020). A regulação introjetada se dá pelo fato do indivíduo buscar evitar sentimentos negativos, como culpa e ansiedade, bem como experimentar sentimentos positivos relacionados ao ego, como orgulho (RYAN; DECI, 2020). Já a regulação identificada no continuum reflete uma valorização consciente do comportamento, na qual o indivíduo se identifica com o seu objetivo e valor, aceitando como importante (RYAN; DECI, 2020).

Neste sentido, uma possível explicação para esses resultados está relacionada ao fato de que no futebol é comum se atribuir valores, reconhecimento e recompensas a futebolistas com melhor desempenho. Por consequência, aqueles futebolistas que tem mais minutos jogados ao longo da competição, entendem que jogando mais, estão mais próximos de alcançar essas recompensas e reconhecimentos do que aqueles com menos minutos. Essas recompensas podem ser financeiras, sociais, materiais e até mesmo profissionais como a promoção de uma categoria para a outra ou até mesmo uma negociação entre clubes, o que poderia ser um fator motivacional para a continuidade no processo de formação profissional no futebol ao longo dos anos.

Em estudo realizado por Bjerksaeter e Lagedsted (2022) foram avaliados os fatores que levaram nove futebolistas e ex-futebolistas de futebol feminino da elite norueguesa a encerrar ou continuar suas carreiras esportivas, dentre esses fatores, o baixo nível de motivação interna e externa, má remuneração financeira e até mesmo o baixo tempo de jogo foram fatores preponderantes para aquelas futebolistas que abandonaram o futebol. O estudo de Souza et al., (2018) foi a única evidência científica encontrada na literatura que faz relação entre nível motivacional e alto e baixo tempo jogado em partidas de futebol. Foram avaliados 112 atletas da categoria sub-20, com diversos perfis motivacionais. Dentre os resultados apresentados, em relação a motivação extrínseca, não foram encontradas diferenças significativas nos atletas com alto ou baixo tempo de jogo, entretanto, os atletas com alta minutagem de jogo apresentaram maiores índices de autodeterminação, se mostrando mais intrinsecamente motivados e menos desmotivados em relação aos atletas com baixa minutagem de jogo.

Por fim, ao comparar o grupo de jovens futebolistas que jogaram mais de 25% do total de minutos possíveis com aqueles que não foram para o jogo ao final da competição, foram encontrados valores estatisticamente significativos na

Motivação Extrínseca Regulação Externa, Motivação Extrínseca Introjetada, Motivação Extrínseca Identificada, Motivação Intrínseca para Estimulação de Experiências, Motivação Intrínseca para Realizar e Motivação Intrínseca para Saber. Em relação aos resultados encontrados, as formas mais controladas de motivação (Motivação Extrínseca) se relaciona a fatores externos e ocorre quando um indivíduo realiza determinada atividade porque vê valor nos resultados associados a ela, como recompensas ou para evitar punições, tal como em relação ao grupo que jogou menos de 25% do total dos minutos jogados. Já em relação as formas mais autônomas de motivação, os atletas com mais minutos jogados se apresentaram mais motivados intrinsecamente para a prática do futebol, revelando-se comportamentos mais autodeterminados.

Um jovem futebolista motivado intrinsecamente percebe a satisfação inerente e o prazer que determinada atividade proporciona (RYAN; DECI, 2020). A motivação autônoma é um importante preditor de resultados esportivos positivos (RYAN; DECI, 2017). O comportamento intrinsecamente motivado está relacionado a participação voluntária em determinada atividade, no caso de motivação identificada ou integrada, o indivíduo passa a aceitar que determinada atividade ou comportamento é pessoalmente relevante (RYAN; DECI, 2020). Para Pelletier et al., (2013) esportistas intrinsecamente motivados se caracterizam pelo maior interesse na aprendizagem sobre o esporte em que pratica, e pelo prazer e a satisfação que a realização que determinada modalidade esportiva pode proporcionar.

Portanto, uma possível explicação para esses resultados está relacionada ao fato de que os jovens futebolistas que tiveram mais minutos jogados ao longo da competição, se sentiram mais motivados intrinsecamente em relação aos que não jogaram, por terem mais oportunidades de praticarem e expressarem o seu talento através do objetivo principal de quem participa de um processo de formação esportiva no futebol, que é o jogar, e assim ter a possibilidade de estar em constante desenvolvimento, vivenciar diversas experiências estimulantes e novos desafios, além de ter a maior possibilidade de estar sendo observado e avaliado a cada partida, aumentando suas chances de sucesso e continuidade na equipe, promoção e valorização no próprio clube ou até mesmo uma possível negociação.

Já aqueles jovens futebolistas que não jogam, podem ter uma tendência a não desfrutarem positivamente do futebol, por entenderem que o não jogar os prejudica, e por isso não se divertirem mais com a prática do esporte, apresentando menos níveis de prazer pela atividade realizada e conseqüentemente podendo levar a conseqüências negativas como o abandono esportivo. Em seu estudo Borges et al., (2015) demonstraram que os atletas de futebol entre 14 e 17 anos mostraram níveis mais altos de motivação interna, em relação aos outros tipos de motivações, indicando que a motivação desses atletas para praticar futebol tem origem de fatores internos, envolvendo sentimentos como satisfação e a diversão apresentada pela modalidade esportiva. Para Jordalen, Lemyre e DurandBush (2016) jovens futebolistas ou praticantes de esportes que possuem níveis de motivação mais internalizados ou autodeterminados acabam sendo expostos a menos eventos negativos, ou seja, quanto mais motivado intrinsecamente, menor as experiências esportivas negativas vividas pelos jovens atletas, e conseqüentemente, menores as chances de abandono do esporte.

No que se refere a Amotivação, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas nos atletas que jogaram mais ou menos minutos.

7 IMPLICAÇÕES PRÁTICAS

Em relação aos resultados observados, algumas implicações para a prática profissional das comissões técnicas responsáveis pelo treinamento de jovens futebolistas podem ser sugeridas com o intuito de promover a satisfação das necessidades psicológicas básicas e motivação autodeterminada.

Primeiramente, as Necessidades Psicológicas Básicas e a Motivação Autodeterminada de jovens futebolistas podem ser monitoradas e avaliadas constantemente, para que se potencialize o desenvolvimento desses futebolistas e que se reduza cada vez mais a perda de talentos e o abandono precoce da modalidade. Por exemplo, um treinador pode proporcionar climas de treinamento de apoio às NPB durante o processo de formação, ao implementar a possibilidade de escolha aos seus futebolistas em determinadas tarefas do treinamento (autonomia), promoção da aprendizagem baseado em referências observáveis, como indicadores de evolução de aprendizagem dos próprios

futebolistas (competência), e o desenvolvimento da cooperação e ajuda mútua entre os atletas (relacionamento).

No que diz respeito ao desenvolvimento dos comportamentos mais intrínsecos, os agentes responsáveis pelo treinamento, podem promover a motivação autônoma, adaptando na medida do possível, o nível de intensidade dos treinamentos compatíveis com a capacidade de seus atletas, assim como, incentiva-los a participar ativamente no processo de tomada de decisão perante ao planejamento das atividades. Por outro lado, para desenvolverem a motivação extrínseca em sua forma mais identificada, esses agentes podem sempre que possível, atribuir uma fundamentação racional e lógica à importância do papel do futebol no contexto cultural e social dos atletas.

Este é o primeiro estudo que se propôs investigar a influência dos minutos jogados por jovens futebolistas em partidas oficiais ao longo de uma competição nas necessidades psicológicas básicas e na regulação da motivação longitudinalmente. Assim, evidenciando a influência de jogar mais ou menos pode interferir na motivação do atleta. Futuras pesquisas podem aprofundar na relação desses fatores, com o objetivo investigá-los em diferentes contextos, apontando suas implicações para o processo de formação de jovens futebolistas no Brasil e no mundo.

Por fim, vale destacar como limitação desse estudo, a análise longitudinal através apenas da competição principal das equipes no ano. Uma análise longitudinal mais duradoura possibilitaria identificar maiores variações dos níveis motivacionais dos jovens futebolistas ao longo de um calendário inteiro, com diversas competições e com a variação de contextos que uma temporada completa proporciona em um elenco.

8 CONCLUSÃO

Ao investigar a influência dos minutos jogados em partidas oficiais ao longo de uma competição nas necessidades psicológicas básicas e na regulação da motivação de jovens futebolistas, algumas conclusões podem ser apresentadas.

Ao serem analisados os grupos de maneira isolada, somente os jovens futebolistas que jogaram mais de 25% do tempo total de jogo, ao final da

competição apresentam maiores níveis de competência em relação ao início da competição. Ao serem comparados aos jovens futebolistas que jogaram menos de 25% do tempo total, e aos que não jogaram a competição, somente os que jogaram mais de 25% do tempo total apresentam maiores níveis de competência.

Ao investigar a influência dos minutos jogados na regulação da motivação, observou-se que os jovens futebolistas avaliados na presente pesquisa apresentam sinais motivacionais distintos em relação aos minutos jogados durante a competição. Ao serem analisados os grupos isoladamente, somente os jovens futebolistas que jogaram mais de 25% do tempo total de jogo, ao final da competição se apresentam mais extrinsecamente e intrinsecamente motivados. Ao serem comparados os grupos, aqueles que jogaram mais de 25% dos minutos totais se apresentam mais extrinsecamente motivados para a prática do futebol em relação aqueles que jogaram menos de 25%. E quando comparados aos jovens futebolistas que não jogaram a competição, aqueles que jogaram mais de 25% dos minutos se apresentam mais intrinsecamente e extrinsecamente motivados para a prática do futebol.

9 REFERÊNCIAS

- ABDULLAH, M.R.; MUSA, R.M.; MALIKI A.B.; KOSNI N.A.; SUPPIAH P.K. Role of psychological factors on the performance of elite soccer players. **J Physic Educ Sport** 2016; 16(1):170-176. DOI: 10.7752/jpes.2016.01027
- AHMADI, M.; NAMAZIZADEH, M.; MOKHTARI, P. Perceived motivacional climate, basic psychological needs and self-determination motivation in youth athletes. **World Applied Sciences Journal**, 2012; 16(9), 1189-1195.
- ALMAGRO, B.J.; SÁENZ-LÓPEZ P.; FIERRO-SUERO S.; CONDE C. Perceived Performance, Intrinsic Motivation and Adherence in Athletes. **Int J Environ Res Public Health**. 2020 Dec 16;17(24):9441. doi: 10.3390/ijerph17249441. PMID: 33339278; PMCID: PMC7767293.
- ALMAGRO, B.J.; SÁENZ-LÓPEZ, P.; MORENO-MURCIA, J.A.; SPRAY, C. Motivational factors in young Spanish athletes: A qualitative focus drawing from self-determination theory and achievement goal perspectives. **Sport Psychol**. 2015, 29, 15–28.
- ANDRADE, C. D. et al. A influência do tempo de prática na motivação intrínseca de atletas de futebol masculino, da categoria juvenil de clubes profissionais. **Revista digital EFDesportes**, Buenos Aires, v. 11, n. 96, p. 1-1, mai. 2006. Disponível em: <<http://www.efdesportes.com/efd96/motivac.htm>>. Acesso em: 17 jul. 2011.
- BAKER, J.; CÔTÉ, J. Resources and commitment as critical factors in the development of “gifted” athletes. **High Ability studies**, 2003. 14(2), 139-140.
- BALAGUER, I.; GONZALEZ, L.; FABRA, P.; CASTILLO, I.; MERCE, J.; DUDA, J.L. Coaches' interpersonal style, basic psychological needs and the welland ill-being of young soccer players: a longitudinal analysis. **Journal of Sports Sciences**, 2012. 30,1619–1629.
- BALBINOTTI, M. A. A.; SALDANHA, R. P.; BALBINOTTI, C. A. A. Dimensões motivacionais de basquetebolistas infanto-juvenis: um estudo segundo o sexo. **Revista Motriz, Rio Claro**, v.15, n.2, p.318-329, abr./jun. 2009
- BARA, F. M.; ANDRADE, D.; MIRANDA, R.; NÚÑEZ, J. L.; MARTÍN-ALBÓ, J.; RIBAS, P. R. (2011). Preliminary validation of a brazilian version of the sport motivation scale. **Universitas Psychologica**, 2011. 10 (2), 557-566.
- BARBANTI, V. J. **Formação de Esportistas**. Barueri: Manole, 2005.
- BAYER, C. **La enseñanza de los juegos desportivos colectivos**. Barcelona: Hispano-Europea, 1986.
- BETTEGA, O. B.; MACHADO, J. C. B. P.; SCAGLIA, A. J.; MARQUES FILHO, C. V.; GALATTI, L. R. Formar o treinador e o jogador nas categorias de base do futebol: engendrando na interação e/ou na especificidade? **Movimento**, [S. l.], v. 25, p. e25021, 2019.
- BIDDLE, S.; CHATZISARANTIS, N.; HAGGER, M. Self-determination theory in sport and exercise. In F. Cury, P. Sarrazin, & J. P. Famose (Orgs.), **Theories de la motivation et sport: Etats de la Recherche**. Paris: Presses Universitaires de France, 2001.
- BJERKSATER, I. A. H.; LAGESTAD P. A. Staying in or Dropping Out of Elite Women's Football—Factors of Importance. **Front. Sports Act. Living**. 2022. Apr 14;4:856538. doi: 10.3389/fspor.2022.856538.
- BOOG, G. **Manual de Gestão de Pessoas e Equipes: estratégia e tendências**. São Paulo: Gente, volume 1, 2002.

BORGES, P. H.; SILVA, D. O.; CIQUEIRA, E. F. L.; RINALDI, I. P. B.; RINALDI, W.; VIEIRA, L. F. Motivação e desempenho tático em jovens jogadores de futebol: uma análise a partir da teoria da autodeterminação. **Cinergis**, Santa Cruz do Sul, v. 16, n. 2, p. 120-4, 2015.

BRANDAO, M.R.; VALDÉS, H.; MACHADO, A.A.; RAMIRES, A. Percepción del estrés competitivo y cultural em futbolistas profesionales de Brasil y Portugal. **Rev. Psicol. Dep.** 2006, 15, 201-217.

CALVO, G. T.; CERVELLÓ, E.; JIMÉNEZ, R.; IGLESIAS, D.; MORENO, M. J. A. Using self-determination theory to explain sport persistence and dropout in adolescent athletes. **Span J Psychol.** 2010 Nov;13(2):677-84.

CAMPESTRINI, G.R.H. **A responsabilidade social na formação de praticantes para o futebol: análise do processo de formação em clubes brasileiros.** 2009. Dissertação (Mestrado em Gestão do Desporto) - Universidade de Motricidade Humana, Lisboa, 2009.

CARRAVETTA, E. **O jogador de futebol: técnicas, treinamento e rendimento.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 2001. 168 p.

CARRAVETA, E. **Modernização da gestão no futebol brasileiro: Perspectivas para a qualificação do rendimento competitivo.** Porto Alegre: AGE Editora. p.110, 2006.

CARRAVETTA, E. **Futebol: A formação de times competitivos.** Porto Alegre: Sulina, 2012.

CASARIN, R. V.; STREIT, I. Modelo de formação em futebol: Análise de clubes do estado do Rio Grande do Sul. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, 2011. 3 (7), 45-57. Disponível em: <http://goo.gl/5DXt9b>.

CASTELO, J. et al. **Metodologia do Treino Desportivo.** Edições FMH, 3ª edição, 2000.

CHAN, D. K. C.; DIMMOCK, J. A.; DONOVAN, R. J.; HARDCASTLE, S. A. R. A. H.; LENTILLON-KAESTNER, V.; E HAGGER, M. S. Self-determined motivation in sport predicts anti-doping motivation and intention: A perspective from the trans-contextual model. **Journal of Science and Medicine in Sport**, 2015. 18(3), 315-322.

CHAVEIRO, A.; CORREIA, J.; CRUZ, P. Estilos de liderança e comunicação dos treinadores de futebol. EFDeportes.com, **Revista Digital.** Buenos Aires, año 19, n. 198, nov. 2014.

COSTA, V.T.; ALBUQUERQUE, M.R.; LOPES, M.C; COSTA, I.T.; FERREIRA, R. M.; SAMULSKI, D.M. Validação da escala de motivação no esporte (SMS) no futebol para língua portuguesa brasileira. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte.** V.25, n.3, p.537-546, 2011.

CRESSWELL, S. L.; EKLUND, R. C. Athlete burnout: Conceptual confusion, current research and future research directions. In S. Hanton, & S. D. Mellalieu (Eds.), **Literature reviews in sport psychology** (pp. 91-126). Hauppauge, NY: Nova, 2006.

CURRAN, T.; APPLETON, P.R.; HILL, A.P.; HALL, H.K. Passion and burnout in elite junior soccer players: the mediating role of self-determined motivation. **Psychol Sport Exerc** 2011;12(6):655-661. DOI: 10.1016/j.psychsport.2011.06.004.

DAMO, A. S. **Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França.** 2005. 435 f. Tese (Doutorado em Antropologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

DAMO, A. S. **Do dom à profissão: A formação de futebolistas no Brasil e na França.** São Paulo: Aderaldo & Rithschild Ed., Anpocs, 2007.

DECI, E.L.; RYAN, R. M. **Intrinsic motivation and self-determination in human behavior.** New York: Plenum; 1985.

DECI, E. L.; RYAN, R. M.; GUAY, F. Self-determination theory and actualization of human potential. In: *Deci, E. L.; Ryan, R.; Guay, F. Theory driving research new wave perspectives on self-process human development*, 109-133, 2013.

DIAS, F. **De principiante a experto ou... simplesmente experto?:** conseguirá a prática deliberada explicar a expertise no Futebol?: a perspectiva do Professor Vítor Frade. Monografia, Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, Porto, 2005.

DOSIL, J. Motivación motor en el deporte. In: DOSIL, J. **Psicología de la actividad física y del deporte**. 2. ed. Madrid: McGrawHill, 2008. p.139-66.

DUDA, J. L. Motivação no esporte: A relevância da competência e metas de realização. In: AJ Elliot, A. J.; Dweck, C. S (Eds.), **Manual de Competência e Motivação** (págs. 273-308). Nova York: Guilford Publications, 2005.

ERICSSON, K. A.; KRAMPE, R. T.; TESCH-ROMER, C. The role of deliberate practice in the acquisition of expert performance. **Psychological Review**, 100, 1993.

FERNANDES, H. M.; VASCONCELOS-RAPOSO, J. Continuum de Auto-Determinação: validade para a sua aplicação no contexto desportivo. **Estudos de Psicologia** (Natal) [online]. 2005, v. 10, n. 3, pp. 385-395.

FERREIRA, H. B. **Iniciação esportiva:** uma abordagem pedagógica sobre o processo de ensino-aprendizagem no basquetebol. Monografia (graduação em educação física bacharelado) – Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

FIGLIANO, L.; PIZZO, G. C.; CONTREIRA, A. R.; LAZIER-LEÃO, T. R.; MOREIRA, C. R.; RIGONI, P. A. G.; DO NASCIMENTO JUNIOR, J. R. A. Association between motivation and group cohesion in professional football: Is the coach-athlete relationship a determining factor?. **Revista de Psicología del Deporte**, 2018. 27(4, Supp, 1), 51–57.

FORD, P. R. et al. The developmental activities of elite soccer players aged under-16 years from Brazil, England, France, Ghana, Mexico, Portugal and Sweden. **Journal of Sports Sciences**. year 30, n. 15, p. 1653-1663, 2012.

FRANZINI, F. **Corações na ponta de chuteira:** Capítulos iniciais da história do futebol brasileiro (1919-1938). Rio de Janeiro, 2003.

GARGANTA, J. **Modelação táctica do jogo de futebol:** Estudo da fase ofensiva em equipas de alto rendimento. Tese de doutoramento. Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto, 1997.

GARGANTA, J.; GRÉHAIGNE, J. F. Abordagem sistêmica do jogo de futebol: moda ou necessidade? **Movimento**, [S. l.], v. 5, n. 10, p. 40–50, 2007. DOI: 10.22456/19828918.2457. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/2457>.

GONÇALVES, G. H. T.; KLERING, R. T.; PACHECO, C. H.; BALBINOTTI, M. A. A.; BALBINOTTI, C. A. A. Motivos à prática regular de futebol e futsal. **Saúde e Desenvolvimento Humano**. Vol. 3. Num. 2. p. 7-20. 2015.

JORDALEN, G.; LEMYRE, P.N.; DURAND-BUSH, N. Exhaustion experiences in junior athletes: The importance of motivation and self-control competencies. **Frontiers in Psychology**, 7, Article 1867, 2016. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2016.01867>

JUNIOR, C. B. C. **Processos de seleção de talentos no futebol do Brasil:** uma análise introdutória da avaliação da técnica nas peneiras. Monografia - Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas – Campinas, SP: [s.n.], 2017.

LAVALLEE, D.; KREMER, J.; MORAN, A. P.; WILLIAMS, M. **Sport psychology**. Palgrave Macmillan, 2004.

LOURENÇO, J.; ALMAGRO, B.J.; CARMONA-MÁRQUEZ, J.; SÁENZ-LÓPEZ, P. Predicting Perceived Sport Performance via Self-Determination Theory. **Percept Mot Skills**. 2022 Oct;129(5):1563-1580.

MARQUES, M. P.; SAMULSKI, D. M. Análise da carreira esportiva de jovens atletas de futebol na transição da fase amadora para a fase profissional: escolaridade, iniciação, contexto sócio-familiar e planejamento da carreira. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.23, n.2, p.103-19, abr./jun. 2009.

MASCARENHAS, G. **Entradas e bandeiras: a conquista do Brasil pelo futebol**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2014.

MELO, L. B. S. **Formação e escolarização de jogadores de futebol no Estado do Rio de Janeiro**. 72 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física)-Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2010.

METZLER, J. Fondements théoriques et pratiques d' une démarche d' enseignement des sports collectifs. **Spirales**, n. I (complément),p. 143-151, 1987.

MONTEIRO, et al. Motivational climate, behaviour regulation and perceived effort in soccer athletes. **Motricidade**, v. 10, n. 4, p. 94-104, 2014.

MORAES, I. F. **Formação de jogadores de futebol no Brasil: da implementação às perspectivas futuras do Certificado de Clube Formador**. 2015. 300 f. Dissertação (Mestrado em Gestão Desportiva) – Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, Porto, 2015.

MORAES, I. F.; BASTOS, F. C.; CARVALHO, M. J. Formação de Jogadores de Futebol: Processo Histórico e Bases para a Evolução no Brasil. **PODIUM Sport, Leisure and Tourism Review**, v. 5, n. 2, p. 148-163, 2016.

MOREIRA, C. R.; NASCIMENTO JUNIOR, J. R. A. D.; MIZOGUCHI, M. V.; OLIVEIRA, D. V.D.; VIEIRA, L.F. Impact of adhesion reasons in the motivational regulation of master swimmers during the season. **Rev Bras Cineantropom Desempenho Hum**. 2016; 18(4):429-440. DOI: 10.5007/1980-0037.2016v18n4p429.

MOUTÃO, J.M. R. P.; CID, L.; LEITÃO, J. C.; ALVES, J. Tradução e validação do Perceived Autonomy Support: Exercise Climate Questionnaire numa amostra de praticantes de exercício portugueses. **Psicol Reflex Crit [Internet]**. 2012;25(4):701–8.

NASCIF, A. **Futebol conhecer e proceder: uma proposta curricular de formação do futebolista/ Alex Nascif, Marcelo Matta, - 1.ed. – Curitiba: Appris, 2022. 301p.;23 cm. – (Educação física e esportes)**.

NASCIMENTO JUNIOR, J.; GAION, P.; NAKASHIMA, F.; VIEIRA, L. Análise do estresse psicológico pré-competitivo estratégias de *coping* de jovens atletas de futebol de campo. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, 2010. 18(4), 45-53.

NASCIMENTO JUNIOR, J. R. A. D.; VISSOCI, J. R. N.; VIEIRA, L. F. Propriedades psicométricas da versão brasileira da escala de satisfação das necessidades básicas no esporte (BNSSS). **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, 34, e3456, 2018.

NETO, G. L. **Seleção de talentos no futebol: Discussão sobre a formação de jovens atletas a partir de referências teóricas**. Campinas: G. L. Neto. Monografia de Licenciatura apresentada a Universidade Estadual de Campinas, 2004.

NTOUMANIS, N. A self-determination approach to the understanding of motivation in physical education. **British Journal of Educational Psychology**, 71, 225-242, 2001.

OLIVEIRA, L.P.; NASCIMENTO JUNIOR, J. R. A.; VISSOCI, J. R. N.; FERREIRA, L.; SILVA, P.N.; VIEIRA, J. L.L. Motivación autodeterminada y estrategias de afrontamiento en futbolistas: un estudio con jugadores en diferentes fases de desarrollo deportivo. **Rev Psic Deporte** 2016;25(2):261-269. DOI: 10.13140/RG.2.1.3279.6406.

PAOLI, P. B. **Os estilos de futebol e os processos de seleção e detecção de talentos**. 2007. 187 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2007.

PAULA, R. A. B. et al. Motivação acadêmica: metodologias ativas para estimular o potencial de sucesso do curso. **Anais VII CONEDU** - Edição Online, 2020.

PELLETIER, L. G.; FORTIER, M. S.; VALLERAND, R. J.; TUSON, K. M. Toward a new measure of intrinsic motivation, extrinsic motivation, and amotivation in sports: The Sport Motivation Scale (SMS). **Journal of Sport e Exercise Psychology**, 17(1), 35–53, 1995.

PELLETIER, L. G.; SARRAZIN, P. Measurement issues in self-determination theory and sport. In M. S. Hagger & N. L. D. Chatzisarantis (Eds.), **Intrinsic motivation and self-determination in exercise and sport** (pp. 143–152,331–334). Human Kinetics, 2007.

PELLETIER, L. G.; ROCCHI, M. A.; VALLERAND, R. J.; DECI, E. L.; RYAN, R. M. Validation of the revised sport motivation scale (SMS-II). **Psychol Sport Exercise** 2013;14(3):329-341. DOI: 10.1016/j.psychsport.2012.12.002.

PIMENTA, C. A. M. Novos Processos de Formação de Jogadores de Futebol e o fenômeno das “escolinhas”: Uma análise crítica do possível. In P. Alabarces (Ed.), **Peligro de Gol: Estudios sobre deporte y sociedad en América Latina** (pp. 75-97). Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2000.

PIRES, D. A.; FERREIRA, R. W.; VASCONCELOS, A. S. B.; PENNA, E. M. Dimensões de Burnout, Estratégias de *Coping* e Tempo de Prática como Atleta Federado em Jogadores Profissionais de Futebol. **Cuadernos de Psicología del Deporte**, Vol 19(2), 175-185, 2019.

PUJALS, D.; VIEIRA, L. F. Análise dos fatores psicológicos que interferem no comportamento dos atletas de futebol de campo. **Revista da Educação Física/UEM**. Maringá, v. 13, n. 1, p. 89-97, 2002.

QUESTED, E.; DUDA, J. L. Perceptions of the motivational climate, need satisfaction, and indices of well- and ill-being among hip hop dancers. **Journal of Dance Medicine & Science**, 13, 10 e19, 2009.

QUESTED, E.; NTOUMANIS, N.; VILADRICH, C.; HAUG, E.; OMMUNDSEN, Y.; HOYE, A. R.; MERCÉ, N.; HALL, K.; ZOURBANOS, N.; DUDA, J.L. Intentions to drop-out of youth soccer: A test of the basic needs theory among European youth from five countries. **International Journal of Sport and Exercise Psychology**, 11:4, 395-407, 2013.

RAEDEKE, T. D. Is athlete burnout more than just stress? A sport commitment perspective. **Journal of Sport & Exercise Psychology**, 19, 396–417, 1997.

RIBEIRO, V. C.; VOSER, R. D. C. Fatores motivacionais que levam a escolha da posição de goleiro no futebol. **Revista digital EFDesportes**, Buenos Aires, v. 16, n. 156, p. 1-1, mai. 2011. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd156/fatores-motivacionais-de-goleiro-nofutebol.htm>>. Acesso em: 17 jul. 2011.

ROCHA, H. P. A. et al. Jovens esportistas: profissionalização no futebol e a formação na escola. **Motriz: Revista de Educação Física** [online]. 2011, v. 17, n. 2, pp. 252-263.

RODRIGUES, F. X. F. **A formação do jogador de futebol no Sport Club Internacional (1997-2002)**. 2003. 200 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

RYAN, R. M.; DECI, E. L. Intrinsic and extrinsic motivations: classic definitions and new directions. **Contemporary Educational Psychology**, 25, 54e67, 2000.

RYAN, R. M.; DECI, E. L. Active Human Nature: Self-Determination Theory and the Promotion and Maintenance of Sport, Exercise, and Health. In M. S. Hagger, & N. L. D. Chatzisarantis (Eds.), **Intrinsic Motivation and Self-Determination in Exercise and Sport** (pp. 1-19). Leeds: Human Kinetics Europe Ltda, 2007.

RYAN, R. M.; DECI, E.L. Self-Determination Theory. Basic Psychological Needs in Motivation; **Guilford Publications**: New York, NY, USA, 2017; ISBN 9788578110796.

RYAN, R.M.; DECI, E.L. Intrinsic and extrinsic motivation from a self-determination theory perspective: Definitions, theory, practices, and future directions. **Contemp. Education. Psychol.** 2020, 61, 101860.

SAMULSKI, D. **Psicologia do Esporte**. 2. ed. Barueri: Manole, 2009.

SIMÕES, R.; THIENGO, C. R. Técnico, treinador ou professor? O papel pedagógico do profissional responsável pela formação de futebolistas de alto rendimento. In: REMONTE, J. G.; POLITO, L. F. T. (Org.). **Educação Física Escolar e Esporte de Alto Rendimento: Dá Jogo?** Várzea Paulista: Editora Fountoura, 2018, v. 1, cap. 8

SCAGLIA, A. J. **O futebol que se aprende e o futebol que se ensina**. 1999. 255 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999

SHELDON, K. M.; ZHAOYANG, R.; WILLIAMS, M.J. Psychological need-satisfaction, and basketball performance. **Psychology of Sport and Exercise**, 14(3), 675-681, 2013.

SMITH, N.; TESSIER, D.; TZIOUMAKIS, Y.; FABRA, P. Quested E, Appleton P, et al. The relationship between observed and perceived assessments of the coach-created motivational environment and links to athlete motivation. **Psychol Sport Exercise** 2016; 23(1):51-63. DOI: 10.1016/j.psychsport.2015.11.001.

SOARES, A. J. G. et al. Jogadores de futebol no Brasil: mercado, formação de atletas de escola. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Florianópolis, v. 33, n. 4, p. 905-921, out./dez. 2011.

SOUZA, M. J. D. et al. Comparison of the motivation level of soccer players with high and low played time in matches under-20. **Journal of Physical Education**. 2018, v. 29

STARKES, J. The road to expertise: Is practice the only determinant? **International Journal of Sport Psychology**, 31(4), 431–451, 2000.

TEOLDO, I.; CARDOSO, F.; MACHADO, G. Tomada de decisão no futebol: Da avaliação à aplicação em campo. In W. Matias & P. Athayde (Eds.), **Nas entrelinhas do futebol: Espetáculo, gênero e formação** (pp. 187-205). Curitiba: Editora CRV, 2021.

THIENGO, C. R. **Os saberes e o processo de formação de futebolistas no São Paulo Futebol Clube**. 2011. 2 v. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro, 2011.

THIENGO, C. R. **O futebol e os futebolistas do futuro**: análise do currículo presente na formação de futebolistas de alto rendimento a partir de um estudo de caso. 2019. 240 f. Tese (Doutorado) -Doutorado em Educação Física, Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019.

THIENGO, C. R. **Glossário do futebol brasileiro**: termos e conceitos relacionados as dimensões técnica e tática. 2. ed. Rio de Janeiro:[s.n.], 2020.E-book

THOMAS, J. R.; NELSON, J. K.; SILVERMAN, S. J. **Métodos de pesquisa em atividade física**. 5 ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

VALLERAND, R. J. Toward a hierarchical model of intrinsic and extrinsic motivation. In **M. P. Zanna (Ed.)**, *Advances in experimental social psychology*, Vol. 29, pp. 271–360). Academic Press., 1997.

VALLERAND, R. J.; LOSIER, G. F. An integrative analysis of intrinsic and extrinsic motivation in sport. **Journal of Applied Sport Psychology**, 11(1), 142–169, 1999.

VAN YPEREN, N.W. Why some make it and others do not: identifying psychological factors 693 that predict career success in professional adult soccer. **The Sport Psychologist**, 23, 317–32, 2009.

VAN YPEREN, N. W.; JONKER, L.; VERBEEK, J. Predicting Dropout From Organized Football: A Prospective 4-Year Study Among Adolescent and Young Adult Football Players. **Front. Sports Act. Living** 3:752884, 2022.

VIANA, M. D. S.; ANDRADE, A.; MATIAS, T. S. Teoria da autodeterminação: aplicação no contexto dos exercícios físicos de adolescentes. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 13, n. 2, 2010. DOI: 10.5216/rpp.v13i2.8891.

WERNER, J.; HÄGGLUND, M.; KNUDSEN, M.G.; EKSTRAND, J.; WALDÉN, M. The Young Player: Special Considerations. In *Return to Play in Football*; **Springer: Berlin**, Germany, 2018; pp. 941–952.

WEINBERG, R. S.; GOULD, D. **Fundamentos da Psicologia do Esporte e do Exercício**. 2. Ed. Artmed, 2001.

WEINER, B. An attribution theory of achievement motivation. **Psychological Review**. 1985, 92:548-573

WEISS, M. R.; CHAUMETON, N. Motivational orientations in sport. In T. S. Horn (Ed.), **Advances in sport psychology** (pp. 61-99). Human Kinetics, 1992.

WILPERT, R. A. **O futebol como agente de inclusão e interação social**: um estudo de caso sobre as escolinhas de futebol de Florianópolis-SC [dissertação]. Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção; 2005.

ANEXOS

ANEXO 1 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do Projeto: **“Psicologia do Esporte aplicada ao futebol de alto rendimento: fatores associados ao treinamento e competição”**

Você está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa de Mestrado que visa investigar a relação dos minutos jogados em partidas oficiais, necessidades básicas psicológicas e motivação autodeterminada em futebolistas em processo de formação. A sua participação irá contribuir com informações que nos permitirão identificar aspectos e características de treinamento e competição, que possam influenciar positivamente e negativamente nos aspectos psicológicos de futebolistas. Este estudo contribuirá para a ciência da saúde, pois produzirá subsídios teóricos para maior compreensão da psicologia do esporte voltada ao futebol, conteúdos que ainda necessitam de mais investigações no Brasil, e *poderá* evitar quedas no desempenho dos atletas, abandono da modalidade e desgaste emocional de atletas.

A sua participação nesse estudo é voluntária e consiste em preencher os questionários anexados a esse termo. Os riscos destes procedimentos serão mínimos por envolver somente medições não invasivas. Os dados serão tratados com total sigilo. Sua identidade será preservada, pois cada indivíduo será identificado por um número. O que nos importa são as respostas dos participantes, e não quem as forneceu. Você poderá se retirar do estudo a qualquer momento, basta informar aos pesquisadores.

As pessoas que estarão acompanhando os procedimentos são os pesquisadores, aluno de Mestrado (Wanderley Antônio Tavares), de graduação (Maurício Emanuel da Silva), sob a orientação do professor responsável pelo projeto (Danilo Reis Coimbra).

Solicitamos sua autorização para o uso dos dados para a produção de artigos técnicos e científicos. Sua privacidade será mantida através da não-identificação do seu nome.

Agradecemos sua participação.

Contato: Prof. Dr. Danilo Reis Coimbra
Fone: (48) 888272266 E-mail: daniloreiscoimbra@yahoo.com.br

Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos – CEPESH/UESC
Av. Madre Benvenuta, 2007 – Itacorubi – Fone: (48)3321-8195 – e-mail: cepsh.reitoria@udesc.br
Florianópolis – SC 88035-001

TERMO DE CONSENTIMENTO

Declaro que fui informado sobre todos os procedimentos da pesquisa e, que recebi de forma clara e objetiva todas as explicações pertinentes ao projeto e, que todos os dados a meu respeito serão sigilosos. Eu compreendo que neste estudo, as medições dos experimentos/procedimentos de tratamento serão feitas em mim, e que fui informado que posso me retirar do estudo a qualquer momento.

Nome:

() Aceito participar da pesquisa () Não aceito participar da pesquisa

Juiz de Fora, _____ de _____ de 20__ .

ANEXO 2 - TERMO DE ASSENTIMENTO

Gostaríamos de convidar você a participar como voluntário (a) da pesquisa “Psicologia do Esporte aplicada ao futebol de alto rendimento: fatores associados ao treinamento e competição.”. O motivo que nos leva a realizar esta pesquisa é possibilitar treinadores e estudiosos o entendimento e a compreensão da dimensão psicológica e sua influência no futebol. Nesta pesquisa pretendemos investigar a relação de minutos jogados em partidas oficiais com a motivação de jovens futebolistas. Caso você concorde em participar, vamos fazer as seguintes atividades com você: Deverá responder um questionário sociodemográfico e esportivo de identificação do atleta, para que possamos saber um pouco mais sobre suas características. Após será aplicado o questionário de necessidades básicas psicológicas, através da escala de satisfação das necessidades básicas no esporte (BNSS). Logo em seguida terá o questionário de regulação da motivação, através da (SMS) Sport Motivation Scale. Essas perguntas avaliam a avaliação motivacional para a prática do futebol. Em sequência, terá o questionário de intenção de permanência ou desistência da prática do futebol, que avalia os sentimentos em relação ao futebol, e por último, será aplicado o questionário de características psicológicas relacionadas com o rendimento esportivo, que avalia a integração do futebolista com sua equipe.

Esta pesquisa tem alguns riscos, que são classificados como de baixo risco em função dos instrumentos citados anteriormente que podem causar algum desconforto, além de riscos característicos do ambiente virtual e meios eletrônicos. Com isso, para assegurar total confidencialidade em um potencial risco de sua violação os voluntários irão responder os questionários individualmente, sem quaisquer informações que os possam ser identificados nominalmente, resguardando o seu anonimato. A pesquisa irá ajudar aos pesquisadores e treinadores, como benefício direto do estudo a compreensão da relação entre os atletas que jogam mais e menos tempo em partidas oficiais associados a motivação no futebol, já como benefício indireto do estudo, irá possibilitar o melhor entendimento dos fatores psicológicos que influenciam diretamente no processo de formação de jovens futebolistas.

Para participar deste estudo você não vai ter nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, se você tiver algum dano por causa das atividades que fizermos com você nesta pesquisa, você tem direito a buscar indenização. Você terá todas as informações que quiser sobre esta pesquisa e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Mesmo que você queira participar agora, você pode voltar atrás ou parar de participar a qualquer momento. A sua participação é voluntária e o fato de não querer participar não vai trazer qualquer penalidade ou mudança na forma em que você é atendido (a). O pesquisador não vai divulgar seu nome. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. Você não será identificado (a) em nenhuma publicação que possa resultar. Você tem o direito de não responder qualquer questão, sem necessidade de explicação ou justificativa para tal, podendo também se retirar da pesquisa a qualquer momento. O Termo de Assentimento será preenchido online por meio do Google Forms. O Google Forms possibilita que o questionário seja aplicado apenas em caso de concordância. Desta forma, o pesquisador terá em mãos o Assentimento do participante. O Termo de Assentimento será enviado para o e-mail disponibilizado pelo participante. Reforçamos a importância do participante de pesquisa guardar em seus arquivos uma cópia do documento eletrônico com a anuência da participação da pesquisa. Será garantido ao participante de pesquisa o direito de não responder qualquer questão, sem necessidade de explicação ou justificativa para tal, podendo também se retirar da pesquisa a qualquer momento. Não haverá perguntas obrigatórias. Constará no Termo de Assentimento o direito do participante de não responder à pergunta. Ao participante será garantido o acesso ao teor do conteúdo antes de responder as perguntas, para uma tomada de decisão informada por meio do Termo de Assentimento e terá acesso às perguntas somente depois que tenha dado o seu consentimento. O assentimento será previamente apresentado e, caso, concorde em participar, será considerado anuência quando responder ao questionário/formulário ou entrevista da pesquisa. Caso concorde em participar, será considerado anuência quando responder ao questionário/formulário da pesquisa. Este termo de Assentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável e a outra será fornecida a você caso queira. Os dados coletados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos. Decorrido este tempo, o pesquisador avaliará os documentos para a sua destinação final, de acordo com a legislação vigente. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resolução Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos. Declaro que concordo em participar da pesquisa e que me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Atenciosamente.

Você aceita participar da pesquisa?

Aceito participar da pesquisa.

Não aceito participar da pesquisa.

ANEXO 3 - QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO E ESPORTIVO DE IDENTIFICAÇÃO DO ATLETA

Insira somente as iniciais do seu nome: Exemplo: Élviz Bastos de Oliveira = EBO.

Data de nascimento: __/__/__.

Sexo: ___ Masculino ___ Feminino ___ Prefiro não dizer

Cidade de nascimento: _____

Religião: ___ Católica ___ Evangélica ___ Espírita ___ Protestante ___ Não possui

Outros: _____

Você acredita que a fé em Deus ou ser superior a nossa existência pode de alguma forma lhe ajudar no seu esporte, na solução de seus problemas?

- Não creio de forma nenhuma
- Tenho muitas dúvidas
- Creio moderado/Tenho dúvidas
- Creio muito/Poucas dúvidas
- Creio totalmente.

Em sua opinião, caso você esteja doente ou lesionado e seus familiares, amigos e outras pessoas de fé rezem, orem pedindo intencionalidade a Deus sua recuperação, você acredita que isto:

- Não ajuda
- Ajuda pouco
- Média ajuda
- Ajuda muito
- Ajuda total

Qual contribuição você acredita ter a participação da fé e/ou espiritualidade no seu autocontrole do estresse?

- Não contribui nada
- Pouco contribui
- Média contribuição
- Contribui muito
- Contribui totalmente

Qual a sua escolaridade:

Fundamental I Fundamental II Médio incompleto Médio completo Superior incompleto Superior completo Nunca estudei Já estudei e não estudo mais.

Qual clube joga atualmente?

Qual sua categoria atual?

Posição: ___ Goleiro ___ Lateral ___ Zagueiro ___ volante ___ Meia ___ Extremo
___ Centroavante.

Geralmente você inicia o jogo como: ___ Titular ___ Reserva

Você costuma ser o capitão da equipe: ___ Sim ___ Não

Já praticou algum outro esporte competitivamente antes do atual: ___ Sim ___ Não

A quanto tempo você começou a treinar em seu clube atual?

Com qual idade começou a treinar Futebol?

Com qual idade começou a participar de competições de futebol?

Sobre suas atividades?

___ Somente treino

___ Treino e estudo

___ Treino e trabalho

___ Treino estudo e trabalho

Outros:

Treino quantas vezes por semana?

___ 1 ___ 2 ___ 3 ___ 4 ___ 5 ___ 6 ___ 7 ___ + de 7 ___ Não treino.

Qual local ocorreu seu primeiro contato com futebol:

___ Escola ___ Clube ___ Rua ___ Quadra pública ___ Equipe amadora ___ Base de outro clube
___ Outro.

Descreva o fato ou experiência que você considera marcante para ter seguido em sua carreira como atleta dessa modalidade?

Assinale abaixo os níveis de competição que você já disputou no Futebol:

___ Municipal

___ Regional

___ Estadual

___ Nacional

___ Internacional

Você já foi campeão jogando futebol em quais níveis de competição:

___ Municipal

___ Regional

___ Estadual

___ Nacional

Internacional

Quais competições você participou na atual temporada:

Municipal

Regional

Estadual

Nacional

Internacional

Atualmente você recebe salário ou ajuda financeira do clube ou de algum empresário para jogar Futebol? Sim Não

Descreva abaixo o motivo que te faz treinar futebol?

Em algum momento você já pensou em parar de treinar futebol? Sim Não
 Talvez

Em algum momento da sua vida você efetivamente parou com os treinos e com as competições? Sim Não

Já foi convocado para a seleção brasileira em algum momento da sua carreira? Sim
 Não

Já foi convocado para a seleção estadual em algum momento da sua carreira? Sim
 Não

Já atuou em alguma equipe do exterior? Sim Não

Com que frequência você fica doente: Nunca Raramente Às vezes Quase sempre Sempre.

Faz uso de algum medicamento contínuo? Sim Não

Com que frequência você fuma: Nunca Às vezes Frequentemente Ex-fumante.

Com que frequência você bebe: Nunca Às vezes Frequentemente Já bebeu, mas não bebe mais.

Já sofreu alguma lesão na carreira? Sim Não

Como que você avalia sua relação com seus familiares em geral:

Péssima Ruim Regular Boa Excelente.

Como que você avalia sua relação com seus pais:

Péssima Ruim Regular Boa Excelente.

Como que você avalia sua relação com seus colegas de equipe:

Péssima Ruim Regular Boa Excelente.

Como que você avalia sua relação com seus amigos:

Péssima Ruim Regular Boa Excelente.

Como que você avalia sua relação com seus treinadores:

Péssima Ruim Regular Boa Excelente.

Como que você avalia seu estado físico atual:

Péssimo Ruim Regular Bom Excelente.

Como que você avalia sua condição técnica atual:

Péssimo Ruim Regular Bom Excelente.

Como que você avalia sua condição mental atual:

Péssimo Ruim Regular Bom Excelente.

Como que você avalia sua capacidade tática atual:

Péssimo Ruim Regular Bom Excelente.

ANEXO 4 - QUESTIONÁRIO NECESSIDADES PSICOLÓGICAS BÁSICAS

ESCALA DE SATISFAÇÃO DAS NECESSIDADES BÁSICAS NO ESPORTE (BNSSS)

Nome: _____ Sexo: _____ Idade: _____

Modalidade: _____ Equipe: _____

Tempo de Prática: _____

Sentimentos em relação ao meu esporte favorito

Por favor, responda às questões de acordo com os sentimentos e as experiências que você vivencia quando está praticando seu esporte favorito.

	Nem um pouco verdade		Pouco de verdade			Muita verdade	
	1	2	3	4	5	6	7
1. Em meu esporte, sinto que estou perseguindo meus próprios objetivos.	1	2	3	4	5	6	7
2. Eu sinto que pratico meu esporte por prazer.	1	2	3	4	5	6	7
3. Eu pratico meu esporte por vontade própria.	1	2	3	4	5	6	7
4. Existem pessoas em meu esporte que se preocupam comigo.	1	2	3	4	5	6	7
5. Eu sou habilidoso em meu esporte.	1	2	3	4	5	6	7
6. Eu sinto que sou bom em meu esporte.	1	2	3	4	5	6	7
7. Eu tenho oportunidade de sentir que sou bom em meu esporte.	1	2	3	4	5	6	7
8. Em meu esporte, eu realmente tenho a sensação de querer estar nele.	1	2	3	4	5	6	7
9. Em meu esporte, sinto que estou fazendo o que eu quero fazer.	1	2	3	4	5	6	7
10. Eu tenho habilidade para ter um bom desempenho em meu esporte.	1	2	3	4	5	6	7
11. Em meu esporte, existem pessoas em quem eu posso confiar.	1	2	3	4	5	6	7
12. Eu tenho um relacionamento próximo com as pessoas que praticam meu esporte.	1	2	3	4	5	6	7

**ANEXO 6 - QUESTIONÁRIO SUBJETIVO DE INTENÇÃO DE
PERMANÊNCIA OU DESISTÊNCIA DO FUTEBOL**

Nome: _____ Sexo: _____ Idade: _____

Modalidade: _____ Equipe: _____

Sentimentos em relação ao meu esporte favorito:

Sentimentos em relação ao meu esporte favorito:

1 e 2 – Não concordo nem um pouco.

3 – Nem concordo e nem discordo.

4 e 5 - Concordo completamente.

1	Tenho a intenção de continuar jogando.	1() 2() 3() 4 () 5()
2	Tenho a intenção de abandonar o futebol.	1() 2 () 3() 4 () 5()